

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA**

**LUIZA LUANA DE ARAÚJO LIRA BEZERRA**

***BULLYING* NA ESCOLA:  
percepções e sentimentos de escolares e educadores**

**FORTALEZA  
2012**

LUIZA LUANA DE ARAÚJO LIRA BEZERRA

*BULLYING* NA ESCOLA:  
percepções e sentimentos de escolares e educadores

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Linha de Pesquisa: Saúde e Sociedade

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ilvana Lima Verde Gomes

FORTALEZA  
2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho**  
**Bibliotecária Responsável – Leila Sátiro – CRB-3 / 544**

B574b Bezerra, Luiza Luana de Araújo Lira.  
Bullying na escola: percepções e sentimentos de escolares e educadores / Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra. — 2012.  
CD-ROM : 94 f. il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, Fortaleza, 2012.  
Área de Concentração: Saúde e Sociedade.  
Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilvana Lima Verde Gomes.

1. Violência. 2. Escolas. 3. Bullying. I. Título.

CDD: 370



U.E.C.E

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Programa de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública - PMAS

FOLHA DE AVALIAÇÃO

**Título da dissertação:** "BULLYING NA ESCOLA: percepções e sentimentos de escolares e educadores"

**Nome da Mestranda:** Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra

**Nome da Orientadora:** Ivana Lima Verde Gomes

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE Mestrado Acadêmico em Saúde Pública/CCS/UECE, COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM "SAÚDE E SOCIEDADE".

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Ivana Lima Verde Gomes  
(Orientadora)



Prof. Dr. João Joaquim Freitas do Amaral  
(1º membro)



Prof. Dra. Thereza Maria Magalhães Moreira  
(2º membro)

Data da defesa: 20/12/2012.

Aos meus pais e aos meus irmãos, a quem sou infinitamente grata pelo exemplo de vida, amor e apoio que sempre me dedicaram.

A minha amada filha, Maria Eduarda, maior presente que recebi de Deus. Luz que ilumina meus caminhos. Fonte de inspiração, coragem e perseverança.

Ao meu amor, Emanuel, com quem encontro felicidade, paixão, realização dos meus mais delicados planos.

Obrigada por apoiarem minhas escolhas, por sonharem os meus sonhos e por iluminarem cada trilha da minha vida. Amo muito vocês!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante em todos os momentos da minha vida, por me abençoar com força e determinação para concluir este trabalho.

Aos meus pais, por compartilharem os meus sonhos e os alimentarem, incentivando-me a prosseguir nessa jornada, me mostrando que o meu caminho deve ser seguido sem medo, enfrentando todos os obstáculos.

Ao meu noivo, Emanuel Cidade, que está sempre pronto a me cercar de amor, compreensão e cuidado. Obrigada por estender a mão e, carinhosamente, ajudar-me a caminhar. Seu amor, companheirismo, sua paciência e compreensão foram fundamentais nesta etapa da minha vida.

À minha orientadora, Professora Ilvana Lima Verde Gomes, pela dedicação na orientação e pelos ensinamentos valiosos que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Aos professores, Thereza Maria Magalhães Moreira e João Joaquim Freitas do Amaral, pela extrema prontidão em participar da banca de defesa desta dissertação.

Aos professores, Maria Salete Bessa Jorge, Francisco José Maia Pinto e Andrea Caprara, pela colaboração na construção deste trabalho.

Aos meus colegas do mestrado, pelos momentos de alegria e tristeza que compartilhamos. Vocês são verdadeiros amigos! Obrigada pelas boas gargalhadas.

À direção da escola e a todos os participantes da pesquisa, pelo tempo dispensado e pela disponibilidade em todos os momentos que foram solicitados.

Aos meus amigos que sempre me fornecem palavras de incentivo e força.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro.

À Secretaria Municipal de Educação, por autorizar a realização da pesquisa.

Sou grata a todos que de alguma forma contribuíram para tornar possível a realização deste estudo. Muito obrigada!

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”.  
(FANTE, 2005).

## RESUMO

O *bullying* manifesta-se por meio de um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, acarretando prejuízos à formação psicológica, emocional e socioeducacional dos envolvidos (FANTE, 2005). Desta forma, destaca-se como sério problema de saúde pública. O estudo buscou analisar o fenômeno *bullying* em escola pública de Fortaleza-Ceará, Brasil. Para isso, realizou-se estudo descritivo, de natureza quali-quantitativa. Utilizaram-se como técnicas de coleta de dados o questionário para caracterização dos escolares e do fenômeno na escola em estudo, a entrevista semiestruturada e a observação sistemática, tendo como participantes 139 escolares na primeira fase da pesquisa e na segunda etapa participaram 22 escolares e 10 educadores. A coleta das informações ocorreu de julho a setembro de 2012. Os dados quantitativos, oriundos do questionário, sofreram pré-codificação e foram armazenados e analisados por meio do programa SPSS (versão 17.0). Os dados qualitativos foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo e discutidos com base no referencial teórico. Os resultados revelaram a ocorrência de comportamentos de *bullying* entre os estudantes, admitidos como natural por escolares e educadores. Os comportamentos na percepção dos alunos eram frequentemente ignorados por professores. Os estudantes identificados como alvos de *bullying* relataram não receber apoio dos pais e educadores para cessar ou reagir às intimidações. Os docentes possuíam conhecimento sobre o fenômeno, porém, detectou-se a dificuldade que a maioria apresentava para intervir e encaminhar adequadamente os casos de *bullying*, fazendo com que estes adotassem posturas passivas e em algumas situações agressivas. As ações de enfrentamento do *bullying*, na opinião de escolares e educadores, devem envolver pais e professores e promover debates permanentes na escola que visem conscientização dos envolvidos, além de explicitar valores fundamentais de respeito, solidariedade e amor. Para o enfrentamento do *bullying* em instituições de ensino torna-se necessário ampliar as discussões sobre o fenômeno, envolvendo pais, alunos, professores e funcionários, a fim de que a participação de todos possa contribuir de forma efetiva com medidas que visem a prevenção e combate ao *bullying* entre estudantes.

**Palavras-chave:** Violência. Escola. *Bullying*.

## ABSTRACT

Bullying manifests itself through a series of aggressive, intentional and repetitive behaviors that happen for no evident reason, hidden or wide open, causing damages to the psychological, emotional and socio-education formation of those involved. Thus, it becomes a serious public health problem. This study aimed to analyze the phenomenon of bullying in a public school in Fortaleza-Ceará, Brazil. A descriptive study with qualitative and quantitative approach was carried out. For data collection we used a questionnaire for the characterization of the students and the phenomenon of bullying in the school studied, semi-structured interview and systematic observation. The participants were 139 students in the first phase of the research and the second stage involved 22 students and 10 and teachers. Data collection happened from July to September 2012. Quantitative data derived from the questionnaire suffered pre-codification and were stored and analyzed using SPSS (version 17.0). Data were analyzed according to thematic category analysis technique and discussed based on the theoretical reference. The results revealed the occurrence of bullying behavior among students, accepted as natural for students and teachers. In students' perceptions, the behaviors were often ignored by teachers. Students identified as targets of bullying reported not receiving support from parents and teachers to react or stop intimidations. The teachers knew about the phenomenon, however we verified the difficulty that most had to intervene and appropriately refer the cases of bullying, causing them to adopt attitudes of agreement with the passivity or consequent aggressiveness. In the opinion of students and educators, the actions of facing bullying must involve parents and teachers and promote ongoing discussions at school seeking the awareness of those involved, besides explaining fundamental values of respect, solidarity and love. To deal with bullying in educational institutions, it is necessary to broaden the discussion on the phenomenon, involving parents, students, teachers and employees, so that everyone's participation may contribute effectively with measures to prevent and fight bullying among students.

**Keywords:** Violence. Teaching. *Bullying*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 Participantes do estudo .....	30
Tabela 1 Perfil sociodemográfico dos escolares pesquisados.....	38
Gráfico 1 Respostas referentes à pergunta: gosta de vir à escola? .....	39
Gráfico 2 Respostas referentes à pergunta: tem amigos na escola? .....	40
Gráfico 3 Respostas referentes à sensação de intimidação de alunos por algum colega.....	41
Gráfico 4 Frequência das ações de <i>bullying</i> nos últimos trinta dias .....	42
Gráfico 5 Resultados relativos ao sexo do agressor .....	43
Gráfico 6 Respostas dos alunos quanto ao espaço em que ocorrem as intimidações .....	44
Gráfico 7 Respostas dos estudantes quanto à faixa etária do agressor comparada com a da vítima .....	45
Gráfico 8 Respostas dos alunos quanto aos tipos de agressões sofridas.....	46
Gráfico 9 Respostas dos estudantes quanto à prática do <i>bullying</i> .....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência.

HBSC – Health Behaviour in Scholl-aged Children

NUPESC – Núcleo de Pesquisa e Estudo em Saúde da Criança.

OPAS – Organização Panamericana de Saúde

OMS – Organização Mundial de Saúde

VIVA – Inquérito da Vigilância de Violências e Acidentes

SPSS – Statistical Package Social Science

PENSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO À TEMÁTICA</b> .....	11
1.1 O despertar pela pesquisa .....	11
1.2 O objeto de estudo e os questionamentos .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	17
2.1 Geral .....	17
2.2 Específicos .....	17
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	18
3.1 Reflexões sobre violência e <i>bullying</i> escolar .....	18
3.2 <i>Bullying</i> no contexto escolar e seus atores.....	21
3.3 Fatores de risco e causas da ação do agressor .....	24
3.4 Fenômeno <i>bullying</i> e suas consequências.....	25
<b>4 DESENHO METODOLÓGICO</b> .....	27
4.1 Natureza e tipo do estudo .....	27
4.2 Cenário empírico.....	28
4.3 Participantes do estudo .....	29
4.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados .....	31
4.4.1 Técnicas de obtenção dos dados.....	31
4.4.2 Procedimentos de coleta de dados .....	32
4.5 Análise e interpretação dos dados .....	33
4.6 Aspectos éticos da pesquisa.....	34
<b>5 ACHADOS E DISCUSSÃO</b> .....	36
5.1 Perfil sociodemográfico dos escolares.....	36
5.2 Caracterização do <i>bullying</i> no locus do estudo .....	39
5.3 Categorização dos relatos .....	47
5.3.1 Concepções de escolares e educadores acerca do <i>bullying</i> .....	47
5.3.2 Dificuldades dos escolares no enfrentamento ao <i>bullying</i> escolar.....	56
5.3.3 Sentimentos revelados pelos atores do fenômeno e educadores .....	59
5.3.4 Estratégias de enfrentamento ao <i>bullying</i> .....	66
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
<b>APÊNDICES</b> .....	83
<b>ANEXOS</b> .....	91

## 1 INTRODUÇÃO À TEMÁTICA

### 1.1 O despertar pela pesquisa

Durante a graduação em Enfermagem na Universidade de Fortaleza, sentindo necessidade de ampliar meus conhecimentos e me aproximar da pesquisa, integrei o Núcleo de Pesquisa e Estudo em Saúde da Criança (NUPESC).

Após alguns encontros com os membros e com a líder do grupo, surgiu o convite para participar do projeto de pesquisa intitulado Faces da violência infantil no âmbito escolar e familiar. Embora houvessem dificuldades, por se tratar de tema difícil e complexo, aceitei o desafio.

Inserida no universo escolar, senti-me desafiada a procurar respostas para inquietações que foram surgindo, por meio da pesquisa científica. A cada dia que passava, estudando e vivenciando as questões da violência na escola, fui amadurecendo minhas reflexões e compreensão acerca do fenômeno. Foi a partir das experiências vividas no cotidiano da escola, que o tema aqui proposto foi se impondo como indagação e objeto de pesquisa.

Durante as minhas observações, vivenciei a existência de atos violentos, como agressões físicas, intimidações, humilhações entre as crianças. Por algumas vezes, tinha a sensação de estar em um campo de batalhas. Tal situação era, na maioria das vezes, negligenciada por parte da diretoria e dos professores da escola. Diante da realidade vivenciada, veio o ensejo de me aproximar, por meio da pesquisa, dos atores envolvidos no fenômeno da violência escolar e analisar percepções e sentimentos.

Em 2011, com a minha aprovação no Mestrado Acadêmico em Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará, surgiu, então, a oportunidade e o desejo de aprofundar os estudos acerca da violência escolar, especificamente o *Bullying*, que atualmente é considerado problema de saúde pública, por assumir, nas últimas décadas, crescente dimensão em todas as sociedades e causar graves danos físico-emocionais aos que estão envolvidos no fenômeno (FANTE, 2005).

## 1.2 O objeto de estudo e os questionamentos

No plano internacional e nacional, a violência é reconhecida como problema social e de saúde pública importante e crescente no mundo, causa de graves impactos à saúde das populações. Constitui-se em objeto de investigação em saúde coletiva, pela posição que assume nos índices de morbidade e mortalidade.

Assim, por afetar a sociedade como um todo, a violência atinge também o âmbito escolar e se expressa no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras expressões. Essa ideia é constatada por Leme (2009), ao referir que a violência atinge os territórios circunvizinhos à escola e, por extensão, propaga-se para a escola em proporções alarmantes.

O termo "violência escolar" diz respeito aos comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos. Muitas dessas situações associam-se a fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários (LOPES NETO, 2005). O comportamento violento resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade (ANTONIO NETO; SAAVEDRA, 2004).

Comumente, quando se aborda a violência escolar, associa-se à violência explícita, forma de violência que está relacionada a situações em que alunos discutem, brigam, agridem-se, ou imaginam-se casos de invasão de escolas por alunos ou ex-alunos problemáticos munidos de armas que depredam o patrimônio e provocam, por muitas vezes, trágicos assassinatos. Diante desse quadro, exigem-se medidas de segurança como muros e grades, detectores de metais, seguranças dentro e fora da escola. Esse é o tipo de violência mais visível e de fácil identificação e é o que, normalmente, a sociedade e as autoridades estão empenhadas em combater (FANTE, 2005).

Aliada à violência explícita, outra forma de violência deve despertar a atenção de profissionais: aquela que se manifesta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos no

fenômeno. Este é denominado de *bullying*, fenômeno que gera e alimenta a violência explícita e vem se disseminando nos últimos anos em escolas dos mais diversos países e, ultimamente, no Brasil (FANTE, 2005).

O termo *bullying* (do inglês *bully* = valentão, tirano, brigão) não tem tradução adequada em português (MALTA et al., 2010). No Brasil, adota-se o termo, que de forma geral, foi adotado na maioria dos países (FANTE, 2005).

Existem outros termos para definir esses comportamentos em alguns países, como por exemplo, *mobbing*, utilizado na Noruega e na Dinamarca; *mobbning*, na Suécia e na Finlândia; *prepotenza ou bullismo*, na Itália; em Portugal, como *maus-tratos entre pares*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares* (FANTE, 2005).

Embora esses termos sejam usados, os pesquisadores da área têm dificuldade em encontrar palavras, em suas línguas nativas, que correspondam ao sentido da palavra *bullying*. Desta forma, a adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade de traduzi-lo para diversas línguas. Durante a Conferência Internacional *Online School Bullying and Violence*, realizada em 2005, ficou resolvido que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificultava a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (VISIONARY - NET, 2005 apud LOPES NETO, 2005).

O maltrato entre pares, *acoso escolar* (perseguição em espanhol) ou *bullying* é uma realidade que existe em escolas desde sempre e tem sido considerada, por muitos, um processo normal dentro de uma cultura de silêncio, que se perpetua (TRAUTMANN, 2008).

O fenômeno *bullying* é uma ação repetitiva e se caracteriza pela assimetria de forças entre o ameaçador e a vítima, o que caracteriza uma relação de poder assimétrica (OLWEUS, 2001).

Fante (2005) corrobora os estudos de Olweus (2001), afirmando que o *bullying* apresenta características peculiares, que impedem que seja confundido com outras formas de violência e que torna possível a intimidação da vítima. Dentre essas características, pode-se citar sua natureza repetitiva, desequilíbrio de poder entre vítima e agressor, incapacidade da vítima de se defender e motivar pessoas a agirem em sua defesa e, dentre elas, a mais grave é a propriedade de causar

traumas ao psiquismo de seus envolvidos.

Portanto, de acordo com Fante (2005), por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam e ridicularizam outros alunos, levando-os à exclusão, além de causar danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*.

O *bullying escolar* é uma prática encontrada em todas as culturas (DUE *et al.*, 2005). O fenômeno acarreta para as vítimas sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e desempenho acadêmico (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Os estudos mostram que há pouca conscientização e conhecimento da realidade do fenômeno pelos meios educacionais e despreparo dos profissionais da saúde e da educação para lidarem com a violência, principalmente a velada.

Dessa forma, o conhecimento acerca do fenômeno, das características e, sobretudo, das implicações, é fator decisivo para iniciativas bem sucedidas voltadas à intervenção e à prevenção do *bullying* (FANTE, 2005; OLWEUS; LIMBER, 2010).

Diante desse contexto, o *bullying* tem se mostrado como epidemia grave em avanço no mundo, consoante evidenciam as taxas de prevalência apresentadas em estudos. Olweus (1978), em seus estudos iniciais sobre a temática, constatou que a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying* (FANTE, 2005). No inquérito transversal *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC), realizado com a população escolar em mais de quarenta países, a Organização Mundial de Saúde (OMS) identificou que entre alunos de 13 anos, 14% referiram sofrer *bullying* nos últimos dois meses, sendo a maior frequência na Lituânia (29%) e a menor na Suécia (4,5%) (WHO, 2008). Fisher *et al.* (2010) revelaram que 12,5% dos estudantes haviam sido vítimas de *bullying*, dentre uma amostra de 5.168 estudantes que cursavam da 5ª a 8ª série em escolas públicas e privadas nas cinco regiões do Brasil.

Essas altas taxas são preocupantes e apontam para a necessidade de estratégias precoces e efetivas que visem combate ao *bullying*. Pesquisas

descrevem intervenções bem sucedidas, fundamentadas em ações multidisciplinares que envolvem os vários níveis de prevenção (WHO, 1992, OLWEUS, 1993;).

Entretanto, apesar da dimensão e das consequências do fenômeno, esta problemática tem sido socialmente negligenciada, visto que muitos adultos a consideram inevitável na trajetória escolar e, por vezes, encaram como algo que faz parte da iniciação à vida adulta (FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006; LOPES NETO, 2005; MASCARENHAS, 2006).

Parcela de educadores que trabalha em escolas não encara os comportamentos dos estudantes como ameaça e opressão, enquanto comportamentos de violência (GONÇALVES; MATOS, 2009). Desta maneira, o não reconhecimento do *bullying* pelos professores como prática danosa ao desenvolvimento psíquico dos alunos contribui para incidência e manutenção do *bullying* no ambiente escolar.

A justificativa de se conhecer e estudar esse fenômeno na escola se reforça na medida em que a repetitiva exposição ao *bullying* pode acarretar às vítimas, como mencionado anteriormente, problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, as implicações na autoestima, a ansiedade, a depressão, o baixo rendimento escolar e, até mesmo, os casos de suicídio (OLIVEIRA; ANTONIO, 2006; BOYNTON-JARRETT *et al.*, 2008).

Compreender as formas como a violência se apresenta no âmbito escolar é um desafio a ser enfrentado. Essas informações podem contribuir para o enfrentamento do problema e a busca de um agir educativo (CUNHA; PACHECO, 2009).

Portanto, para o melhor entendimento da violência escolar no Brasil, fazem-se necessárias pesquisas que promovam amplo conhecimento acerca da temática. Estas devem, inicialmente, instigar a sensibilização da comunidade escolar frente ao problema, no que tange à identificação de casos, abordagem e encaminhamentos pertinentes, além de subsidiar estratégias de intervenção, prevenção e enfrentamento ao *bullying* no contexto escolar.

Diante dos aspectos apresentados, surgiram os questionamentos:

- Como se caracteriza o *bullying* escolar?
- Qual a percepção de escolares e educadores acerca do *bullying* na escola?

- Como os alunos se sentem ao praticar e sofrer *bullying*?
- Quais as estratégias de enfrentamento ao *bullying* atribuídas por escolares e educadores?

Responder a esses questionamentos possibilitou ressaltar a realidade das questões referentes ao *bullying* na escola estudada, além de colaborar com dados para o planejamento de ações mais amplas de prevenção ao *bullying* nas escolas, objetivando garantia à saúde e à qualidade da educação de crianças e adolescentes.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Geral

- Analisar o fenômeno *bullying* em escola pública de Fortaleza - Ceará - Brasil.

### 2.2 Específicos

- Caracterizar o *bullying* na escola em estudo;
- Identificar a percepção de escolares e educadores acerca do *bullying* no contexto escolar;
- Apreender os sentimentos dos educadores frente à ocorrência do *bullying* e dos alunos ao praticar e sofrer ações de *bullying*;
- Descrever estratégias de enfrentamento ao *bullying* atribuídas por escolares e educadores.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 Reflexões sobre violência e *bullying* escolar

A partir da década de 1980 e, mais intensamente, na década de 1990, a problemática da violência adquiriu maior ênfase nos debates políticos e sociais e no planejamento em saúde pública. Nesse período, a Organização Panamericana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) começaram a abordar explicitamente a violência. Anteriormente, utilizava-se a rubrica "causas externas" (MINAYO, 2006).

Em 1994, a OPAS realizou conferência internacional com os Ministros de Saúde das Américas, pesquisadores e especialistas sobre o tema. Dentre as conclusões desse encontro, destacou-se a constatação de que a violência, devido ao grande número de vítimas e à magnitude de suas sequelas físicas e psicológicas, adquiriu caráter endêmico e se tornou responsabilidade da saúde pública, uma vez que cabe a esse setor o atendimento de urgência, tratamento e reabilitação das suas vítimas (MINAYO, 2006).

A violência, em suas origens e manifestações, representa fenômeno sócio-histórico que acompanha a história da humanidade e não constitui, por si, um problema de saúde pública (BRASIL, 2001; MINAYO; SOUZA, 2006). Entretanto, quando se analisam suas consequências na saúde individual e coletiva, percebe-se que é um problema que deve ser observado pela ótica da saúde, visto que exige a formulação de políticas e práticas específicas peculiares ao setor para seu enfrentamento e prevenção (AZAMBUJA; NOGUEIRA, 2008).

No processo de inserção da problemática da violência no âmbito da saúde pública, dada sua importância para o processo de saúde e doença das populações, a Organização Mundial de Saúde (OMS), ao publicar, em 2002, o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, define violência como:

o uso intencional de força ou poder, através de ameaça ou agressão real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que

resulta ou tem grande possibilidades de resultar em ferimentos, morte, prejuízos psicológicos, problemas de desenvolvimento ou privação (KRUG, 2002, p.5).

Estudos mostram que os jovens constituem o grupo populacional que mais sofre as sérias consequências individuais e sociais da violência, aparecendo nas estatísticas de mortalidade como os que mais morrem e os que mais matam (UNITED STATES DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, [ca. 2005]).

De acordo com os dados do Inquérito da Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), realizado pelo Ministério da Saúde em 2006 e 2007, a violência entre os jovens é a maior causa de morbidade e mortalidade nessa faixa etária, e os principais locais de ocorrência apontados foram a via pública, a residência e a escola (BRASIL, 2009).

A violência juvenil é a forma de violência mais visível na sociedade. É assim denominada por ser cometida por pessoas com idades entre 10 e 21 anos (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 1999; AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, 2008). Quando vinculada aos locais em que acontece, a escola surge como um dos principais espaços de ocorrência.

A escola apresenta significado para crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de aduzir desempenhos escolares insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem relação direta, cujos estudantes que percebem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar melhor nível de aprendizado (RAVENS-SIEBERER, 2004). Portanto, a aceitação pelos colegas na escola é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão (SAMDAL; DIIR; FREEMAN, 2004).

Tradicionalmente, a escola é vista como local de aprendizado. Três documentos formam a base legal de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. De forma geral, em os documentos

estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania (LOPES NETO, 2005).

O cotidiano escolar vem sofrendo significativo reflexo dos impactos das relações sociais, principalmente no que se refere à violência. Enfrenta-se a problemática do descompasso entre os aportes legais que regem a educação, as políticas públicas e as práticas que ocorrem efetivamente no interior das escolas (SOUZA, 2010).

Os estudos sobre violência no âmbito escolar são recentes e datam da década de 1980. O tema tem despertado interesse da sociedade, de educadores e profissionais de saúde. A violência gerada ou refletida no ambiente escolar é encarada como fenômeno complexo, multifacetado e que somente recentemente tem alcançado algum grau de compreensão.

O conceito de violência escolar é algo bastante discutido entre os autores, sendo caracterizado como fenômeno multifacetado, que abrange uma série de manifestações, desde comportamentos antissociais, delinquências, vandalismo, comportamentos de oposição, entre outros (VALE; COSTA, 1998). É caracterizada por agressões físicas (bater, chutar, empurrar), verbais (xingar e troçar), psicológica (ameaça, gestos provocadores, expressões faciais ameaçadoras), social (excluir, ignorar, difamar) até ataque à propriedade (furto, extorsão, destruição de materiais) (SEIXA, 2005). Ressaltam-se também ações como causar danos ao patrimônio da escola e os conflitos interpessoais.

Segundo Charlot (2002), a violência na escola não é um fenômeno novo, como a sociedade tende a considerar, embora tenha se agravado a partir da década de 1980, com registros de estupros, homicídios, agressões com armas em escolas e envolvimento de pessoas cada vez mais jovens nessas situações.

Fante (2005) classifica a violência escolar em: violência explícita e violência velada, esta responsável por gerar e alimentar a violência explícita. A explícita está relacionada a situações de agressões, delinquências, vandalismo. A violência velada ou oculta, conhecida mais recentemente, como *bullying*, é um tipo de violência que tem merecido atenção por parte de estudiosos nas últimas décadas, e caracteriza-se como comportamento cruel intrínseco das relações interpessoais,

em que os mais fortes transformam os mais fracos em objetos de diversão e prazer, por meio de brincadeiras que disfarçam o intuito de maltratar e intimidar. Possui a propriedade de ocorrer em vários contextos: escolas, famílias, condomínios residenciais, locais de trabalho, enfim, onde existem relações interpessoais.

Conforme a mesma autora, para a catedrática em Psicologia Carme Orte Socias, o *bullying* é um mal-estar que se apresenta na perspectiva oculta, no plano do desconhecimento e da indiferença, tendo como força maior a ausência de valorização por parte da vítima, fruto do desenvolvimento social, emocional e intelectual inadequado daqueles que sofrem com esse fenômeno novo e velho ao mesmo tempo.

### **3.2 *Bullying* no contexto escolar e seus atores**

Para Lopes Neto (2011), existem duas formas de classificar o *bullying* que se baseiam nas circunstâncias em que as vítimas são agredidas e no tipo de agressão sofrida. As ações diretas são as praticadas diretamente contra os alvos (cara a cara), ou seja, a vítima vê o seu agressor. As ações indiretas são realizadas “pelas costas” das vítimas, ou seja, não exigem a presença física dos alvos para que sejam efetivadas. Em relação ao tipo de agressão sofrida, o *bullying* classifica-se em dois tipos: direto e indireto. O direto subdivide-se em físico (bater, chutar, tomar pertences), verbal (apelidos, insultos), gestual, sonoro ou relacional (sinais, imitações, sons simulados, atitudes preconceituosas, sexuais ou discriminatórias). A forma indireta refere-se à disseminação de histórias desabonadoras, exclusão, ameaças, furtos e danos materiais. Essa forma é de difícil detecção e praticamente impossibilita a autodefesa.

Nessa perspectiva, Bullock (2002) concebe a classificação do *bullying* de forma semelhante, considerando a existência de três tipos principais: o físico ou direto, o psicológico e o indireto. O primeiro abrange comportamentos como bater, chutar, empurrar, roubar, ameaçar, brincar de uma forma rude e que intimida e usar armas. O segundo refere-se a chamar nomes, ser sarcástico, insultuoso ou injurioso, fazer caretas e ameaçar. Por fim, o terceiro se manifesta ao se excluir ou rejeitar

alguém de um grupo. No entanto, sua concepção sobre a classificação do fenômeno apresenta visão menos abrangente.

Uma nova forma de *bullying* que foge aos moldes tradicionais do indireto é o *bullying* digital ou *cyberbullying*, que utiliza as tecnologias de informação e da comunicação para execução de comportamentos hostis, repetitivos e deliberados (LOPES NETO, 2011).

Estudiosos identificam quatro formas de envolvimento de estudantes em situações de *bullying*: alvos ou vítimas, agressores ou autores, alvos/autores, testemunhas ou expectadores (FANTE, 2005; SILVA, 2010; LOPES NETO, 2011).

Entretanto, devido à característica dinâmica e circunstancial das ações de *bullying*, os alunos transitam entre a figura de agentes ativos (alvo/autor) e a de testemunhas passivas.

Os alvos (vítimas) de *bullying* são os que sofrem agressões repetitivas por parte de um estudante ou por mais alunos. Eles ocupam essa posição por períodos variáveis, que são justificados por situações, circunstâncias ou características físicas, comportamentais ou sociais (LOPES NETO, 2011).

A vítima típica é um indivíduo geralmente pouco sociável e que, em geral, não dispõe de recursos, *status* ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. As características mais comuns são: aspecto físico mais frágil do que o dos outros alunos, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. A autoestima, muitas vezes, encontra-se tão comprometida, que o alvo acredita que seja merecedor das agressões e intimidações sofridas (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011).

A vítima pode evitar a escola e o convívio social, como forma de se proteger de novas agressões. Desta forma, queixas de indisposição, dor de cabeça ou de barriga na hora de ir à escola, podem ser frequentes. De forma mais rara, pode apresentar atitudes de autodestruição ou intenções suicidas (LOPES NETO, 2011).

Nos casos em que alunos armados invadiram as escolas e atiraram contra colegas e professores, cerca de dois terços desses jovens eram vítimas de *bullying* e recorreram às armas para combater o poder que os sucumbia. As

agressões não tiveram alvos específicos, sugerindo que o desejo era o de "matar a Escola", local em que diariamente todos os viam sofrer e nada faziam para protegê-los (ANTÔNIO NETO; SAAVEDRA, 2004).

Estudos mostram que as vítimas não aparentam ser um grupo tão homogêneo como se supunha. Uma primeira distinção entre vítimas passivas (inseguras, ansiosas e incapazes de se defenderem) e vítimas agressivas (de comportamento exaltado e que reproduzem os maus-tratos sofridos) foi proposta nos estudos iniciais de Olweus (1978).

O agressor ou autor vitimiza os mais fracos. Frequentemente, é membro de uma família desestruturada sem relacionamento afetivo. Normalmente, se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas, pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho e pode ser fisicamente superior. Ele sente necessidade de dominar, de se impor mediante o poder e a ameaça, é mau-caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência a frustrações. Adota condutas antissociais, incluindo roubo, vandalismo e tem probabilidade maior para apresentar comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool e outras drogas, portar armas, entre outros) (FANTE, 2005).

Os alvos/autores são aqueles alunos que reproduzem o *bullying*, ora sofrem e ora praticam. Esse grupo representa 20% dos alunos autores. Eles se diferem dos outros grupos por serem impopulares, têm poucos amigos, sentem-se rejeitados entre os colegas, inseguros, apresentam atitudes negativas sobre si e os outros. Esse grupo merece atenção especial por apresentar maior incidência de sintomas depressivos e pensamentos suicidas. Distúrbios psiquiátricos são mais frequentes nesse grupo (LOPES NETO, 2011).

As testemunhas ou expectadores são os estudantes que não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, somente presenciam, porém não o sofrem nem o praticam, mas convivem em um ambiente cujo fenômeno ocorre e que, certamente, exerce influências sobre o seu desempenho escolar, sentimento de segurança e relacionamento social na escola. Representa a grande parcela de estudantes que convivem com o fenômeno e adotam a Lei do Silêncio por ter medo de se transformar em um novo alvo para o agressor (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011).

O silêncio somente é rompido quando os alvos e expectadores se

sentirem seguros para falar e tiverem a certeza de que serão ouvidos, respeitados e valorizados (PEARCE; THOMPSON, 1998).

### **3.3 Fatores de risco e causas da ação do agressor**

O *bullying* acontece em um contexto social composto pelas influências das características individuais dos envolvidos e do ambiente em que ocorre. Portanto, a análise do impacto somente com base nas características individuais, sem considerar os fatores externos, limita a percepção acerca do fenômeno. Fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de personalidade e influências do ambiente familiar, escolar, comunitário, de amigos, constituem fatores predisponentes para ocorrência do *bullying* (LOPES NETO, 2011).

De acordo com Fante (2005), as causas desse comportamento, segundo especialistas, advêm de carências afetivas, ausência de limites e o modo como os pais “educam” seus filhos, por meio de maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Fante (2005) acrescenta que existem duas principais causas da ação do agressor. A primeira é a necessidade do agressor de reproduzir contra os outros os maus-tratos sofridos tanto em casa quanto na escola. Essa reprodução constante de atos agressivos é denominada por Fante (2005) de Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos. A segunda refere-se à ausência de modelos educativos humanistas, ou seja, a carência de valores mais humanos no contexto educativo tem induzido o escolar ao caminho da intolerância, que se expressa pela não aceitação das diferenças pessoais próprias a todos os seres humanos.

A minimização dos fatores de riscos pode ajudar a reduzir o comportamento agressivo entre crianças e adolescentes. No entanto, os esforços devem se basear em ações multidisciplinares e ser direcionados ao ambiente escolar, doméstico e comunitário (AMERICAN ACADEMY OF CHILD & ADOLESCENT PSYCHIATRY, 2001).

### 3.4 Fenômeno *bullying* e suas consequências

As consequências do *bullying* afetam todos os envolvidos, alvos, autores, testemunhas, acarreta também prejuízos para família, escola e sociedade.

A vítima, caso não supere os traumas causados pelo fenômeno, poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, gerando sentimentos negativos, de vingança, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, comportamentos depressivos, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves (FANTE, 2005).

Ser alvo de *bullying* pode predispor a instalação e manutenção de diversos sinais e sintomas clínicos (LOPES NETO, 2011). Enurese noturna, cefaleia, desmaio, bulimia, tentativa de suicídio, perda de memória, depressão, alteração de sono, dor epigástrica, ansiedade são alguns dos sinais e sintomas observados nos casos mais graves de sofrimento vivido em decorrência do *bullying* (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011).

Ao analisar o contexto social em que a agressão acontece, percebe-se que os fatos acontecem com o testemunho de professores, profissionais da escola e outros alunos em 60% a 70% dos casos. A atitude é de omissão ou de ignorar o evento em 70% dos pesquisados, mesmo com expressão de “sentimento que deveria ajudar” em 30% dos relatos (TRAUTMANN, 2008). A consequência da omissão é a de uma valorização do comportamento violento do agressor e de ausência de sensibilização diante do sofrimento do próximo (MELTON, 1998).

As vítimas, frequentemente, têm sentimento de insegurança que as impede de solicitar ajuda. Fazem poucas amizades, são passivos e não reagem aos atos de agressividade. Muitos passam a ter prejuízos no desempenho escolar, recusam-se a ir para a escola e às vezes simulam doenças. Não raro, trocam de colégio ou abandonam os estudos (LOPES NETO; FIGUEIRA; SAAVEDRA, 2011).

O *bullying* pode integrar um contexto de transtornos de conduta os mais diversos, os quais podem comprometer a saúde física e mental do adolescente, variando entre condutas agressivas (violência física e verbal à pessoa ou animais) e não agressivas (furtos, danos à propriedade, abuso de álcool e drogas). Os jovens mais velhos, do sexo masculino, com baixo nível socioeconômico, que usam bebida

alcoólica, deprimidos, agressores e/ou vítimas de violência escolar são os de maior risco para perpetuação de comportamentos e condutas violentas na vida adulta (CRUZEIRO, 2008).

Assim como para a vítima, o agressor também sofre as consequências do *bullying*, como o distanciamento e a falta de adaptação às metas escolares, supervalorização da violência como obtenção de poder, além de desenvolvimento de habilidades para condutas delituosas, sendo pessoa de difícil convivência pessoal, profissional e social (FANTE, 2005).

## 4 DESENHO METODOLÓGICO

### 4.1 Natureza e tipo do estudo

Trata-se de estudo descritivo, de natureza quali-quantitativa, sendo utilizada abordagem teórica da triangulação de métodos. A escolha por esta abordagem justifica-se por permitir melhor compreensão do objeto de estudo e atender aos objetivos propostos.

A pesquisa é, por excelência, qualitativa, mas apresenta duas etapas quantitativas sob a forma do perfil sociodemográfico dos participantes e caracterização do *bullying* na escola em estudo.

Em conformidade com Minayo (2005), a triangulação não é um método em si, é uma estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares.

A triangulação metodológica é um conceito que vem do interacionismo simbólico e significa a integração de diferentes métodos, permitindo o aprofundamento teórico-metodológico em relação ao conhecimento do objeto em estudo, defende-se que os estudos quantitativos e qualitativos não se opõem, nem se contradizem, mas se complementam (MINAYO, 2008).

Leopard (2002) ressalta que os estudos descritivos são caracterizados pela necessidade de se explorar uma situação desconhecida, da qual se tem necessidade de maiores informações, identificando suas características, mudanças ou sua regularidade.

A abordagem qualitativa foi utilizada, pois está relacionada com o estudo da história, das relações, representações, crenças, percepções e opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si, sentem e pensam. Esta abordagem se conforma melhor em investigações de histórias sob a ótica dos atores (MINAYO, 2008).

Os métodos quantitativos têm o objetivo de trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis ou produzir modelos teóricos de alta abstração com

aplicabilidade prática, permite selecionar e especificar as características que delimitam a população por meio dos critérios de seleção para a inclusão nos estudos (POLIT; HUNGLER, 2004; MINAYO *et al.*, 2006).

## 4.2 Cenário empírico

A pesquisa foi realizada em Fortaleza-Ceará-Brasil, em escola pertencente à rede municipal de ensino.

O município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, está localizado no litoral e tem como limites o oceano Atlântico ao Norte, as cidades de Pacatuba, Eusébio, Maracanaú e Itaitinga ao Sul, Aquiraz e oceano Atlântico a Leste e Caucaia a Oeste, compreendendo uma área territorial de 313,14 km. Fortaleza tem clima tropical, com umidade relativa do ar em torno de 77% e temperatura anual de 27°C. Dados do Censo Populacional de 2007, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a cidade tem população de, aproximadamente, 2.447.409 habitantes (IBGE, 2010).

O lócus do estudo foi uma Escola de Ensino Infantil e Fundamental, localizada no bairro Parquelândia, área da Secretária Executiva Regional III. A escolha por este cenário, inicialmente, deu-se por conveniência e após visita realizada na escola, em que se percebeu que se tratava de uma instituição de ensino que dispunha de condições adequadas para realização da pesquisa, no que diz respeito à estrutura física, organizacional e pedagógica, sendo então escolhida para realização do estudo. Em reunião com a diretora, depois de explicitar a proposta do estudo, obtive seu consentimento para o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto ao contexto da localização da escola, esta pertencia a um bairro residencial, com ruas pavimentadas e rede de esgoto. Limita-se ao Norte com a Avenida Bezerra de Menezes, ao Sul com o bairro Bela Vista, a Leste com o bairro Rodolfo Teófilo e a Oeste com o bairro Amadeu Furtado. A instituição atendia em média 682 alunos e funcionava nos turnos manhã e tarde. A maioria dos alunos eram provenientes do bairro Bela Vista, comunidade que tem como características elevados índices de violência e população de baixo nível socioeconômico. O corpo

docente era composto por 58 professores, que lecionavam do Ensino Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Quanto à estrutura física, possuía quinze salas de aula, laboratório de informática, quadra poliesportiva, sala comum aos professores, biblioteca, refeitório, pátio, sala da direção, coordenação e secretaria, banheiros femininos e masculinos.

Dentre as atividades extracurriculares, a escola oferece os projetos “Mais Educação” e “Segundo Tempo”. O Programa Mais Educação oferta atividades educativas em escolas públicas, como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer e o Programa Segundo Tempo oferece atividades esportivas.

### **4.3 Participantes do estudo**

A pesquisa foi realizada com dois grupos de participantes: alunos do Ensino Fundamental e educadores.

Foram considerados educadores os que trabalhavam diretamente com o processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar, como professores, diretora, vice-diretor e coordenadores. Os critérios de inclusão para os educadores foram: ministrar aulas nas respectivas turmas que participaram do estudo, nesse caso este critério foi utilizado para selecionar especificamente os professores; ter, no mínimo, seis meses de vínculo com o serviço. Foi estabelecido como critério de exclusão estar de férias ou licença.

No que se referem aos alunos, os critérios de escolha para os sujeitos da pesquisa foram assim definidos: cursar do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, estudar na escola há, no mínimo, seis meses.

Considerando que o *bullying* tem a propriedade de ser reconhecido no contexto das relações interpessoais, acreditou-se que não incluir alunos e professores que estivesse há menos de seis meses na escola seria uma forma de tornar os resultados da pesquisa mais fiéis.

Na primeira fase da coleta dos dados, participaram 139 alunos, aos quais foram aplicados o questionário utilizado para caracterização sociodemográfica e do

*bullying* no lócus do estudo. Na segunda fase da coleta, em que se realizou a entrevista semiestruturada, participaram do estudo 22 alunos incluídos na primeira fase, e dez educadores.

**Quadro 1** – Participantes do estudo.

<b>Grupo</b>	<b>Categoria</b>	<b>Fase</b>	<b>Nº de participantes</b>
I	Alunos	1ª fase	139
		2ª fase	22
II	Educadores	2ª fase	10

Do total de 189 estudantes matriculados do 6º ao 9º ano, realizou-se a aplicação do questionário com 139, obedecendo aos critérios de inclusão, com perda de 26,45%.

Para delimitar o número de alunos a serem entrevistados, além dos critérios citados, adotou-se a saturação teórica das informações como balizador final. A escolha intencional teve como referência o método comumente usado em estudos de abordagem qualitativa, em que se estabelece o fechamento ou ampliação do tamanho final de uma amostra em estudo, interrompendo a inclusão de novos sujeitos, quando os dados obtidos passam a apresentar repetições e reincidências, não sendo considerado relevante continuar a coleta dos dados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). A saturação não ocorre simplesmente pelas repetições dos dados, e sim pela compreensão do fenômeno em estudo em seus diferentes aspectos na visão do pesquisador.

Em relação aos educadores, todos os que obedeciam aos critérios de inclusão foram convidados a participar, sendo que uma professora recusou-se a responder à entrevista.

## 4.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

### 4.4.1 Técnicas de obtenção dos dados

Para coleta de dados, foram utilizados o questionário utilizado para descrever o perfil sociodemográfico dos escolares e caracterizar o *bullying* na escola em estudo (Apêndice A); a entrevista semiestruturada (Apêndices B e C) e a observação sistemática (Apêndice D).

Nas diversas investigações que têm sido realizadas acerca do *bullying*, são múltiplas as escolhas metodológicas, aparecendo determinada constância nos estudos em relação a técnicas de coleta, como a observação direta dos alunos no cotidiano escolar e a escolha por instrumentos de auto-preenchimento (SEIXAS, 2005).

O questionário utilizado foi uma adaptação do “Questionário KIDSCAPE”, estruturado por uma instituição inglesa de mesmo nome, que desenvolve há anos estudos sobre *bullying* e utiliza-o com o objetivo de identificar casos de *bullying* em escolas. O instrumento é validado no Brasil, sendo utilizado em diversas pesquisas de relevância (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011; SOUZA, 2010; NIKODEM; PIBER, 2011).

A entrevista é uma técnica que busca abordar questões subjetivas e objetivas sobre o objeto de estudo. Tal técnica possibilita a obtenção de informações a partir das falas dos entrevistados. A relação empreendida no processo de aplicação da entrevista é limitada pelo fato de os sujeitos (pesquisador-entrevistado) estarem inseridos em um mesmo contexto e, portanto, vivenciam também o espaço onde está focalizada a investigação (MINAYO, 2008).

Dentre os tipos de entrevista, foi utilizada a entrevista semiestruturada devido à existência de questões previamente preparadas que servem de eixo norteador no desenvolvimento da entrevista, garantindo, assim, que todos os participantes da pesquisa respondam às mesmas perguntas (COSTA *et al.*, 2004). Para tanto, foi elaborado roteiro de entrevista com questões norteadoras.

Na busca de complementar os dados provenientes da entrevista semiestruturada, elegeu-se a observação sistemática. Conforme Gil (2010), tal

técnica de coleta é frequentemente utilizada em pesquisas que visam compreender fenômenos identificados pelo pesquisador como significativos para alcançar os objetivos pretendidos.

Para conduzir a observação sistemática, foi utilizado roteiro (Apêndice D). A observação permitiu registrar situações referentes ao contexto escolar, ambiente da sala de aula, a interação entre os estudantes, potencialidades e, sobretudo, dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

#### 4.4.2 Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, em reunião com a diretora da escola investigada, após apresentar a proposta do estudo, obtive-se consentimento. Para obter autorização da Secretaria Municipal de Educação, foi encaminhada cópia do projeto e ofício. O estudo somente foi iniciado mediante a autorização da secretaria da escola e da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

A coleta de dados aconteceu de julho a setembro de 2012 e em duas etapas. Na primeira, inicialmente, foi realizada aplicação prévia do questionário com oito alunos, com a finalidade de averiguar boa aceitação, compreensão das perguntas, habilidade no preenchimento e nível de aceitação dos estudantes para participar da pesquisa. Os questionários, após aplicados, foram analisados, não sendo necessária reformulação do instrumento, sendo os oito alunos inseridos na amostra. Após essa etapa, estabeleceu-se um primeiro contato com os alunos do 6º ao 9º ano, explicitando a proposta e os objetivos do estudo a eles e convidando-os a participar. Nessa mesma ocasião, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e explicou-se que deveriam ser lidos e assinados por seus pais ou responsáveis, no caso de consentirem a participação de seus filhos/as na pesquisa. Foi solicitado que trouxessem o documento no dia seguinte. O termo foi recusado por um aluno.

Após o aceite dos pais e alunos, foi aplicado o questionário, em sala de aula, que continha questões abertas e de múltiplas opções, sendo mantido o anonimato. Os questionários foram colocados sobre a carteira escolar de cada aluno com a face virada para baixo. Antes de sua aplicação, os alunos foram orientados

quanto aos objetivos e ao sigilo das informações da pesquisa, dúvidas em relação ao instrumento e sensibilizados quanto à sinceridade das respostas.

Foi solicitada ao professor a aplicação do instrumento. Foi aplicado nas turmas simultaneamente, na mesma data, com a ajuda de dois estudantes de pós-graduação e de professores que foram orientados previamente sobre o processo de aplicação. Os questionários foram entregues à pesquisadora no mesmo dia em que foram aplicados. Após o aluno entregar o questionário respondido, estes eram colocados em um envelope imediatamente.

Com objetivo de aprofundar as questões subjetivas, realizou-se a segunda etapa da pesquisa, mediante a aplicação da entrevista semiestruturada, a partir de questões norteadoras. As falas foram gravadas após autorização do entrevistado e transcritas na íntegra e, posteriormente, analisadas.

Para operacionalização desta etapa, foi procedido, inicialmente, contato com os professores, a fim de que estes indicassem alunos, dentre os que sofriam bullying e os que praticavam, a serem entrevistados, foram também selecionados alunos a partir da observação da pesquisadora. Foi determinado quantitativo inicial de 20 escolares, sendo entrevistado total de 22 alunos. O quantitativo geral foi determinado durante o processo de amostragem conceitual, quando as experiências forem se repetindo e se tornaram capazes de explicar o fenômeno em suas diversas dimensões, ou seja, na vigência da saturação teórica.

A entrevista semiestruturada também foi realizada com os educadores e seguiu roteiro pré-estabelecido. Foram convidados a participar da pesquisa, os educadores das turmas selecionadas, sendo obedecidos os critérios de inclusão. A diretora e a coordenadora encontravam-se de férias. Antes de aplicar a entrevista, foi apresentada individualmente a pesquisa para cada educador, sendo solicitado a estes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas transcorreram de forma privativa, na sala de apoio, com a porta fechada e os entrevistados ficaram à vontade para pensar e responder às perguntas. Estas foram gravadas em gravador digital e transcritas somente pela pesquisadora.

#### **4.5 Análise e interpretação dos dados**

Os dados quantitativos, oriundos do questionário preenchido, sofreram pré-codificação e foram armazenados e analisados por meio do programa SPSS (versão 17.0) e apresentados em gráficos e tabelas de frequências simples e percentual.

Na tentativa de melhor compreensão dos significados e das experiências, as informações provenientes das entrevistas e da observação foram analisadas, baseando-se na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2010), que pode ser entendida como conjunto de técnicas de análise das comunicações, com a finalidade de adquirir, por estratégias sistemáticas e objetivas de exposição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de construção/recepção das mensagens.

Dentre as modalidades de técnicas de análise propostas por Bardin (2010), escolheu-se a análise categorial temática que visa descoberta dos núcleos de sentido das informações coletadas, significativas para os objetivos da pesquisa. Após identificação do que existe em comum entre os elementos, o texto é desmembrado em unidades, agrupadas em categorias, construídas de acordo com os temas que emergem do texto (BARDIN, 2010).

No processo de análise, percorreram-se três passos: a pré-análise ou organização do material, em seguida, exploração desse material mediante a classificação e codificação ou categorização e, por fim, a interpretação dos resultados, desencadeando reflexões a propósito dos objetivos previstos (BARDIN, 2010).

#### **4.6 Aspectos éticos da pesquisa**

O projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará e do Comitê da Secretaria Municipal de Educação do município de Fortaleza, Ceará, sendo aprovado conforme número do parecer 11583281-5. Obedeceram-se às orientações éticas estabelecidas pela Resolução 196/96, de 10 de outubro de 1996 (Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos) do Ministério da Saúde, que delimita a ética com os

sujeitos da pesquisa, seja como indivíduo ou coletividade (BRASIL, 1996).

Os participantes convidados a participar da pesquisa foram esclarecidos quanto à justificativa, aos objetivos e às finalidades do estudo. Após a concordância em participar, receberam individualmente o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice E e F). Os alunos levaram as duas vias do documento para casa para serem assinados pelos pais. Os professores assinaram o termo antes do início da entrevista. Os alunos também foram questionados sobre o desejo de participar da pesquisa, sendo respeitada a decisão destes. Os informantes foram denominados por cognomes, como forma de garantir o anonimato.

## 5 ACHADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentam-se os resultados obtidos a partir dos questionários, das entrevistas e observações, assim como se promove discussão baseada nas reflexões construídas no referencial teórico.

Os resultados estão apresentados em subcapítulos, de acordo com os objetivos propostos pelo trabalho.

Primeiramente, apresenta-se o perfil sociodemográfico dos escolares, considerando as seguintes variáveis: idade, sexo, escolaridade materna, composição familiar e raça e, em seguida, a caracterização do bullying na escola em estudo, utilizando-se de tabelas com frequências absolutas e percentuais e gráficos.

Posteriormente, estão expostas as categorias que foram construídas após submissão do material coletado no campo, as etapas da análise de conteúdo.

### 5.1 Perfil sociodemográfico dos escolares

Participaram do estudo 139 estudantes que cursavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, destes 45 (32,4%) estavam na faixa etária de 10 a 13 anos, quatro sujeitos (2,9%) não informaram as idades. A idade média foi de 12,78 anos.

Do total de estudantes, 80 (57,6%) eram do sexo masculino e em sua maioria de raça parda (63,3%).

O fato de a maioria dos participantes apresentar faixa etária de 10 a 13 anos coincide com estudos realizados sobre *bullying* na escola (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2002; FRANCISCO; LIBORIO, 2009; PINHEIRO; WILLIAMS, 2009; MALTA *et al.*, 2010). Dado que se aproxima da faixa etária apontada por Fante (2005) como a de maior ocorrência de *bullying*.

Em relação à variável escolaridade materna, 40 (28,8%) tinham mães com ensino médio ou superior incompleto; 31 (22,3%) o ensino fundamental incompleto; 29 (20,9%) o ensino fundamental completo ou médio incompleto; 35 (25,2%) dos alunos não responderam a essa variável.

No tocante ao nível da escolaridade materna, constatou-se que a maioria

das mães (28,8%) apresentava ensino médio completo, ressalta-se que um número considerável de estudantes deixou de responder este quesito devido não saber a informação. Os estudos de Fischer *et al.* (2010) e Malta *et al.* (2010) não encontraram diferença de escolaridade entre os pais dos meninos que sofreram *bullying*. Este dado configura o fato de que o *bullying* permeia diferentes classes sociais e níveis culturais, não se restringindo ao estereótipo de que se trata de um fenômeno de classes sociais desfavorecidas.

Quanto à variável com quem reside, 65 (46,8%) moravam com pai e mãe e 32,4% somente com mãe.

Neste estudo, 45 (32,4%) dos alunos moravam somente com mãe. Berdondini e Smith (1996) verificaram que o grupo de crianças que cometia *bullying* contra os pares tinha maior probabilidade de não ter a figura paterna em casa e de pertencer a famílias com menor coesão do que os outros dois grupos. As vítimas de intimidação, por sua vez, demonstraram coesão familiar adequada e mais superprotetoras do que seus pares.

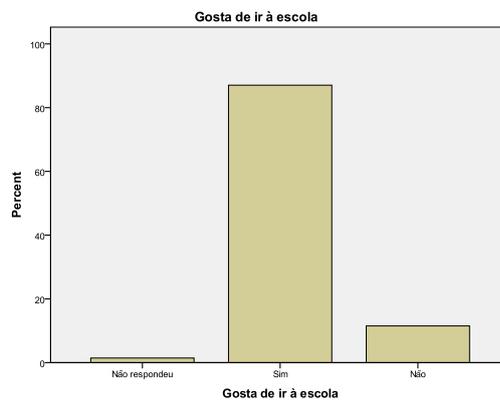
**Tabela 1** – Perfil sociodemográfico dos escolares pesquisados (n=139). Fortaleza, CE, Brasil, 2012.

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Idade</b>		
< 13	45	32,4
13	34	24,5
14	36	25,9
15	13	9,4
16 ou mais	7	5,0
Não respondeu	4	2,9
<b>Sexo</b>		
Masculino	80	57,6
Feminino	58	41,7
Não respondeu	1	0,7
<b>Cor/Raça</b>		
Branca	26	18,7
Preta	8	5,8
Parda	88	63,3
Amarela	5	3,6
Indígena	8	5,8
Não respondeu	4	2,9
<b>Escolaridade materna</b>		
Ensino fundamental incompleto	31	22,3
Ensino Fundamental completo ou médio incompleto	29	20,9
Ensino Médio ou superior incompleto	40	28,8
Ensino Superior completo	4	2,9
Não respondeu	35	25,2
<b>Com quem reside</b>		
Reside com pai e mãe	65	46,8
Somente com mãe	45	32,4
Somente com pai	6	4,3
Nem pai nem mãe	17	12,2
Não respondeu	6	4,3

## 5.2 Caracterização do *bullying* no lócus do estudo

Neste subcapítulo estão apresentados e discutidos os dados obtidos pelo questionário aplicado aos alunos.

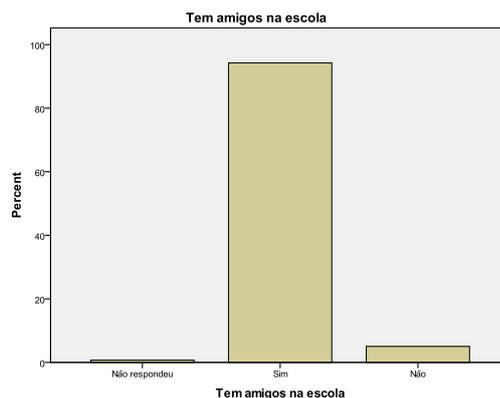
**Gráfico 1** – Respostas referentes à pergunta: gosta de vir à escola?



Sobre gostar de ir à escola, constatou-se que 121 dos entrevistados (87,1%) disseram gostar, apenas dois alunos (1,4%) não responderam.

A escola é de grande significado para crianças e adolescentes, e os que gostam dela têm maior probabilidade de desenvolverem relacionamentos interpessoais positivos e alcançar melhor nível de aprendizado (LOPES NETO, 2005).

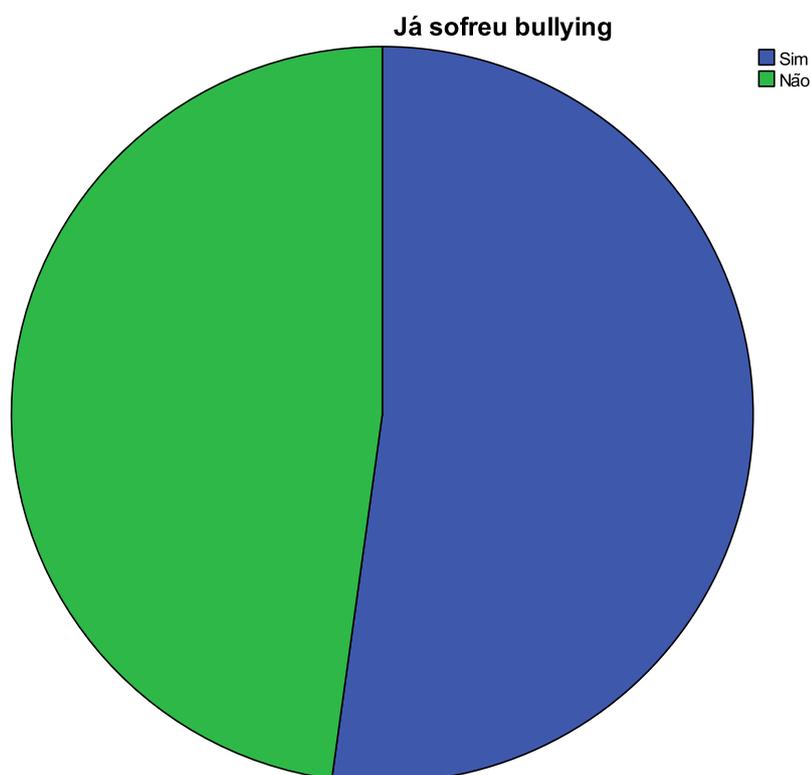
**Figura 2** - Respostas referentes à pergunta: tem amigos na escola?



Com relação a ter amigos na escola, 131(94,2%) dos estudantes revelaram fazer amizades.

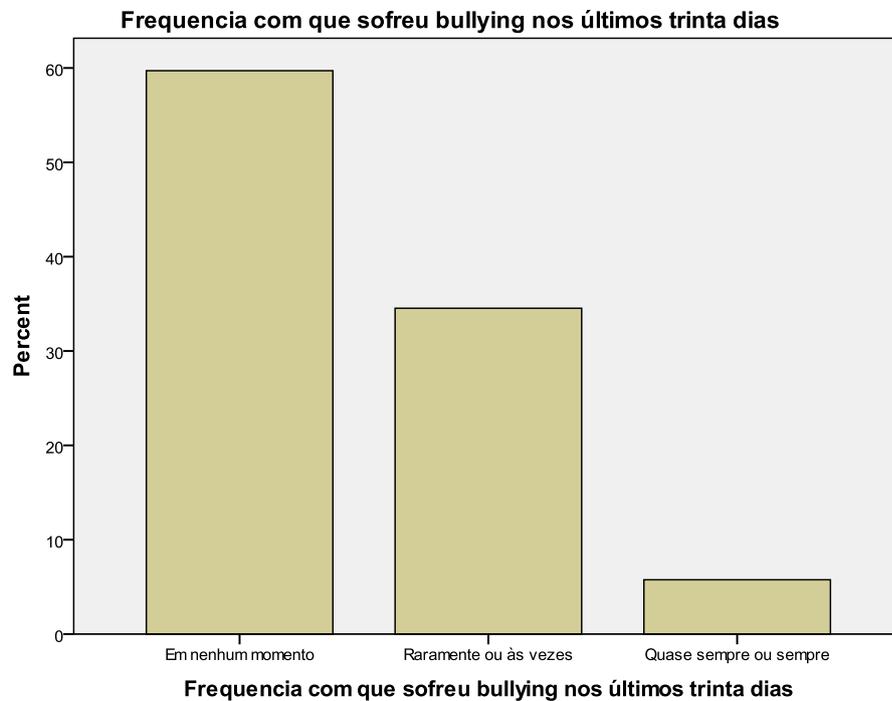
As Figuras 1 e 2 apontaram que a maioria dos alunos gostava de ir à escola e diziam ter amigos. Este dado é intrigante, pois, apesar de quase a totalidade dos estudantes gostarem de ir à escola e ter amigos neste espaço, mais da metade dos alunos declararam, na figura seguinte, terem sofrido intimidações no ambiente escolar.

**Figura 3** – Respostas referentes à sensação de intimidação de alunos por algum colega.



Entre os estudantes, 51,8% relataram ter sofrido algum tipo de *bullying* na vida escolar e 47,5% afirmaram que nunca foram maltratados na escola. Este achado se aproxima do encontrado por Francisco e Libório (2009) que constatou que 41,5 dos entrevistados revelaram nunca terem se envolvido com situações *bullying* na escola.

**Figura 4** - Frequência das ações de *bullying* nos últimos trinta dias.



A análise dos dados mostrou que 5,8% dos estudantes relataram ter sofrido *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias; 34,5% foram raramente ou às vezes vítimas e 59,7% não sofreram humilhação ou provocação.

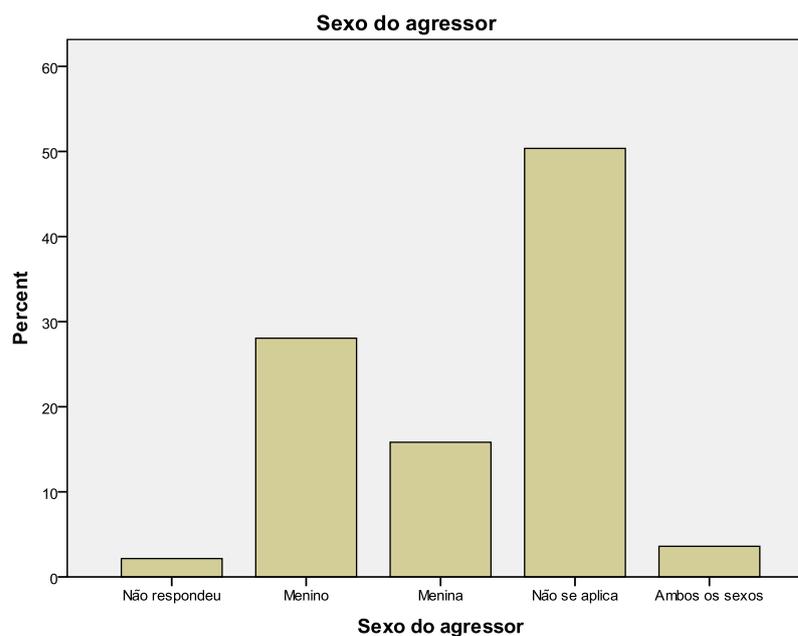
Os resultados encontrados neste estudo estão próximos dos encontrados na primeira pesquisa sobre *bullying*, realizada com dados das capitais brasileiras. O relato de ter sofrido *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias foi feito por 5,4% dos estudantes (MALTA *et al.*, 2010).

Os dados nem sempre podem ser comparados a presente pesquisa, seja pelas diferenças metodológicas, pela diferenciação das perguntas dos questionários, tempo de recordação, populações distintas, faixas etárias, dentre outros aspectos (MALTA *et al.*, 2010).

No caso do estudo de Fischer *et al.* (2010), trabalhou-se com relatos de três episódios ou mais no último ano; a pesquisa da OMS utiliza os últimos dois meses e quantifica o número de eventos, contando a partir de dois ou mais eventos nos últimos dois meses. Para o questionário da Pesquisa Nacional de Saúde do

Escolar (PENSE), utilizou-se o último mês, visando reduzir o viés de recordatório e as opções de resposta como nenhuma vez, raramente e quase sempre ou sempre, sendo esta a abordagem adotada pelo presente estudo.

**Figura 5** – Resultados relativos ao sexo do agressor.



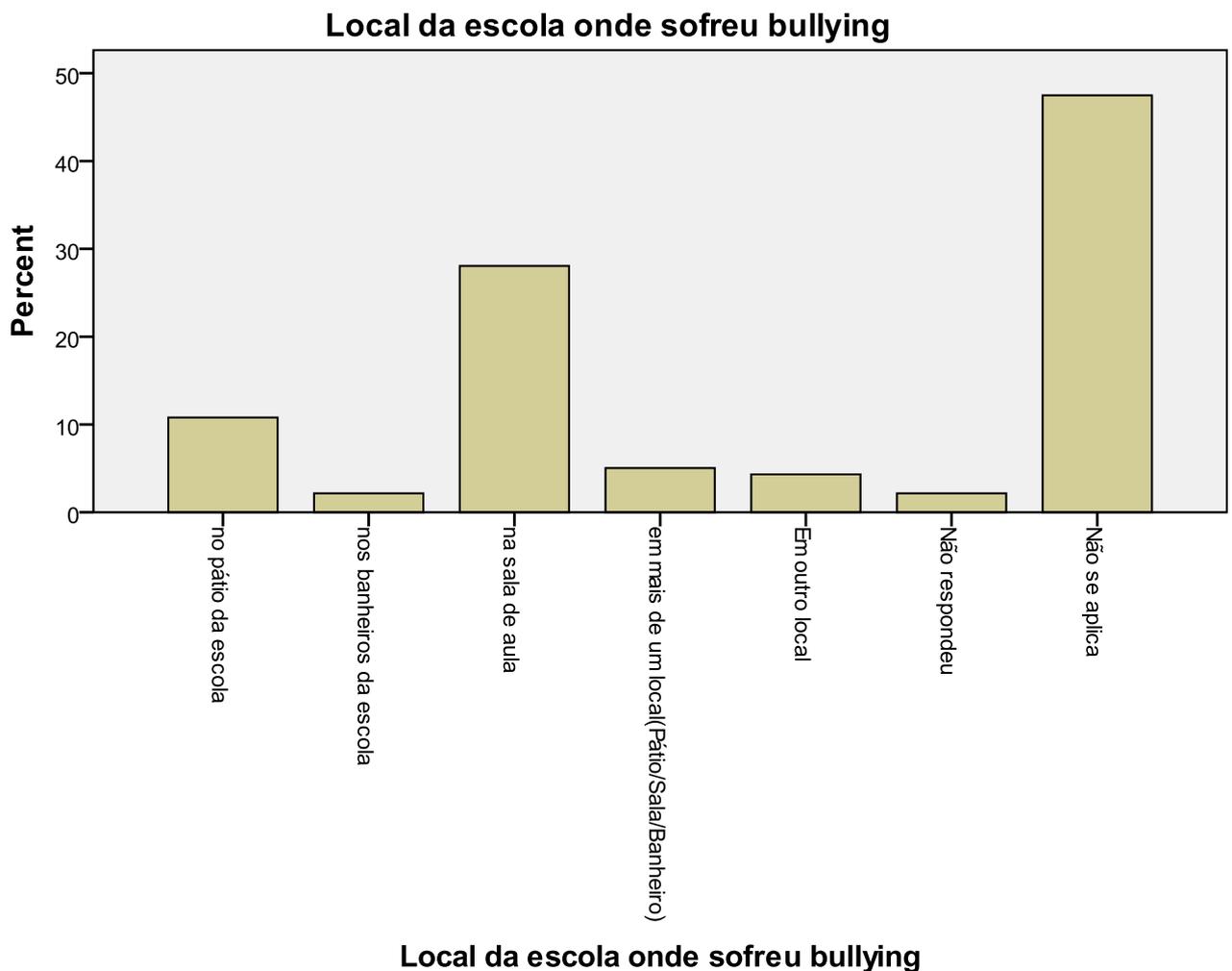
Ao analisar a variável gênero do agressor, 28,1% responderam serem agredidos somente por meninos. Em conformidade com os estudos realizados por Simmons (2004), estes resultados mostram que os meninos se envolvem mais com situações de *bullying*, tanto como vítimas quanto como autores.

Em consonância com Fante (2005), em seu primeiro estudo realizado em 2000, na cidade de Barretos, quanto ao gênero, 64% das condutas de *bullying* foram praticadas por meninos, agindo individualmente ou em grupos; em outro estudo, a mesma autora apresenta que quanto ao gênero 34% das condutas foram praticadas por meninos, as meninas tiveram participação de 21%, ambos agindo individualmente ou em grupos. Malta *et al.* (2010) também apontam frequência de *bullying* maior nos relatos dos meninos em comparação com as meninas.

Essa associação provavelmente se deve às diferenças que caracterizam o sexo masculino e o feminino, sobretudo refletindo as questões de gênero que permeiam os papéis sexuais esperados e legitimados pelo processo de socialização.

Fundamenta-se em um modelo social machista, reproduzido no contexto escolar, no qual em sua maioria o sexo masculino está significativamente associado à vivência e expressão da agressividade (GUIMARÃES, 2006). Outro ponto a ser considerado é o fato de que a identificação do *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis de humilhação, agressividade, ou intimidação (PEREIRA, 2009).

**Figura 6** – Respostas dos alunos quanto ao espaço em que ocorrem as intimidações.



Em relação às intimidações, ocorrem em sua maior parte na sala de aula (28,1%), e em menor percentual nos ambientes extrassala de aula, destacando-se as que ocorrem nos banheiros da escola.

Em consonância, vários estudos apresentam a sala de aula como o espaço onde mais ocorrem as situações de *bullying*. Como por exemplo, Lopes Neto (2005) e Fante (2005) indicam a sala de aula como o local de maior incidência de *bullying*.

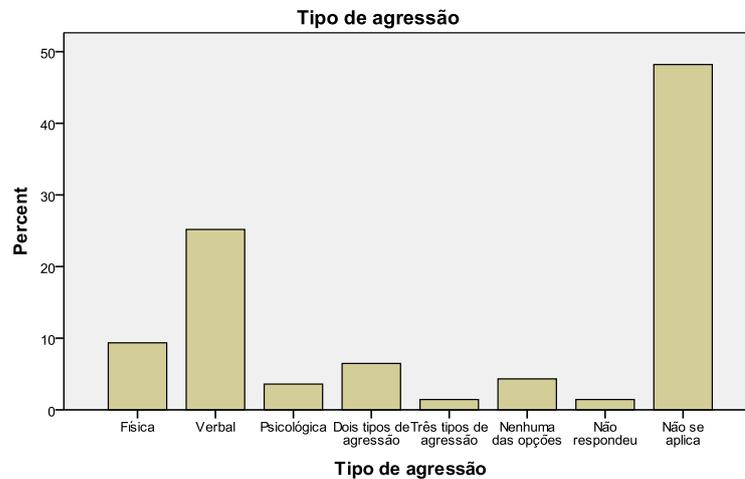
Em contrapartida, este resultado diverge dos dados apresentados em estudos realizados em universidades portuguesas, em que foi constatado que o local onde mais ocorre *bullying* é o pátio do recreio (PEREIRA, 2002). Nogueira (2007) aponta o recreio como o momento onde as situações de *bullying* são mais observadas.

**Figura 7** - Respostas dos estudantes quanto à faixa etária do agressor comparada com a da vítima.



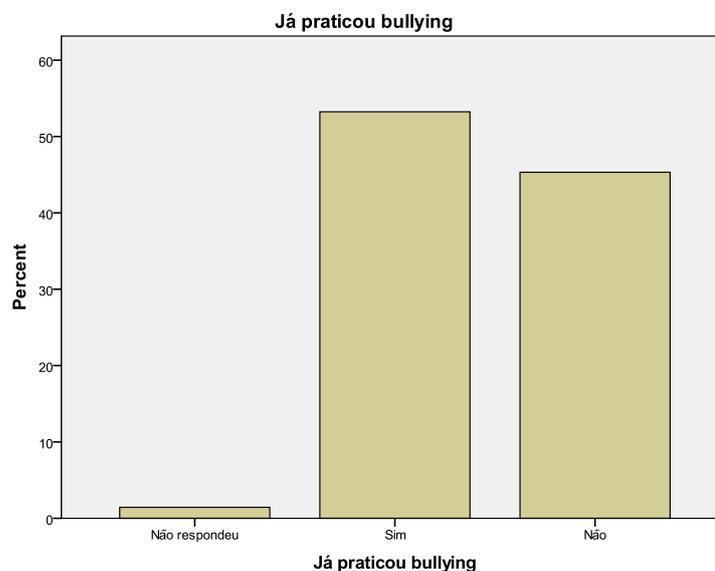
Quanto à faixa etária do agressor, os estudantes em sua maioria responderam que este era mais velho. Segundo Fante (2005), o agressor normalmente pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas, sobretudo no caso dos meninos.

**Figura 8** - Respostas dos alunos quanto aos tipos de agressões sofridas.



O tipo de intimidação mais frequente foi o verbal (25,8%), seguido do físico e emocional. A utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram à determinada característica física ou fragilidade das vítimas, pode explicar o predomínio desse tipo de *bullying*. Este achado está de acordo com outros estudos em que a forma verbal foi a mais prevalente, seguida da física (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011; WANG, 2009, BEATY, 2008).

**Figura 9** - Respostas dos estudantes quanto à prática do *bullying*.



Dos 139 alunos, 74 revelaram ter praticado bullying no contexto escolar.

Este dado revela que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um espaço de reprodução de violências.

A violência presente nas escolas refere-se a um fenômeno complexo e tem afetado a vida cotidiana, como ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana. Além disso, as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo ainda mais a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira (EYNG, 2009).

Dentre as vítimas de *bullying*, 65,3% revelaram ter provocado *bullying* na escola, o que é compatível com outro estudo, em que 47,1 % das vítimas tinham atitudes agressivas com seus colegas. É possível que não exista um separador absoluto entre vítimas e provocadores de *bullying*. Esse tipo de resposta pode acontecer não somente por suas características comportamentais, mas como mecanismo de defesa (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

### 5.3 Categorização dos relatos

#### 5.3.1 Concepções de escolares e educadores acerca do *bullying*

Vivenciar o *bullying* no ambiente escolar faz emergir em escolares diversas concepções acerca do fenômeno, estas se relacionam, muitas vezes, com seu posicionamento frente às situações de *bullying*, seja como vítima, agressor, agressor/vítima ou testemunha.

Com base nas observações realizadas na escola, percebeu-se que as discussões sobre o tema eram escassas no cotidiano da instituição, este fato não se justifica no desconhecimento da problemática por parte dos educadores, como nos discursos, evidenciando, principalmente, a omissão, o comodismo e considerável de negação da existência do fenômeno.

Entretanto, mesmo considerando esse cenário, foi possível identificar que a maioria dos escolares apresentava conhecimento, ainda que incipiente, sobre o fenômeno e suas consequências.

Ao questionar os alunos acerca de suas percepções sobre o *bullying*, constata-se que os estudantes que eram vítimas e testemunhas o consideravam uma prática errada, que apresenta aspectos negativos e desencadeava consequências psicológicas, físicas e no rendimento escolar.

Neste estudo, a maioria dos alunos entrevistados desaprova os casos de *bullying*, este achado está de acordo com pesquisa realizada em 2004 pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) que mostra que 80% dos alunos não aprovam as intimidações ocorridas no ambiente escolar (ANTONIO NETO; SAAVEDRA, 2004).

*Eu acho uma coisa inaceitável. É a coisa mais pior que existe na face da terra é o bullying, isso que eu acho, porque é maldade, coisa do outro mundo. É muito chata, e eu também sofria muito bullying, na escola da onde eu era e também sofro muito bullying aqui (A1).*

*Acho que é uma coisa muito ruim, que não deve se fazer, o pessoal fica implicando com as pessoas. E têm muitas escolas que isso existe! Às vezes agride muito as crianças (A9).*

A vítima de *bullying* sofre de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Essas ações causam dano, ferem e incomodam o alvo do *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Os dados fornecidos pelos escolares identificados como testemunhas demonstraram repúdio e indignação quanto às ações de *bullying* ocorridos no ambiente escolar. De acordo com Menesine *et al.* (1998) e Baldry (2004), as testemunhas, em sua maioria, sentem simpatia pelos alvos, tendem a não culpá-los pelos conflitos e condenam o comportamento dos autores.

*[...] Acho assim que a pessoa não devia praticar isso com os outros alunos, é um desrespeito a eles, uma prática muito errada ficar falando da outra, falando dos defeitos, não deve perseguir a pessoa, só porque ela tem algum defeito físico, ficar falando desse defeito, fazendo zombarias, acho muito errado isso [...]* (A2).

*É uma coisa que pra mim é muito errado porque a gente tem que aceitar o jeito que as pessoas são, o jeito de ser* (A17).

Para Lopes Neto (2005):

Todas as crianças e adolescentes têm, individual e coletivamente, uma prerrogativa humana de mudança, de transformação e de reconstrução, ainda que em situações muito adversas, podendo vir a protagonizar uma vida apoiada na paz, na segurança possível e na felicidade (LOPES NETO, 2005, p.13).

No contexto do *bullying*, além dos que sofrem e assistem, surgem dentre os personagens os que maltratam, que são conhecidos como os autores ou agressores. O autor do *bullying* sente prazer e satisfação em causar danos e sofrimentos aos seus pares, como mostra a fala a seguir.

*Eu acho nada não. Legal oh tia, Porque eu bato [risada com tom satisfação]* (A14).

Corroborando com a literatura, o autor do *bullying* tende a envolver-se em comportamentos antissociais, é impulsivo, vê sua agressividade como qualidade,

sente prazer e satisfação em dominar, controlar, causar danos e sofrimentos a outros (LOPES NETO, 2005).

De acordo com Fante e Pedra (2008), os agressores são aqueles que se utilizam de força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para tornarem-se populares, dentre elas os apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio.

As consequências do *bullying* são explicitadas nas falas dos alunos, estes compreendem os prejuízos físicos, psicológicos e no rendimento escolar que o fenômeno pode acarretar, destacando os efeitos negativos na vida adulta.

*[...] Pode causar trauma. E também [...] lembrança ruim e só sofrimento (A9).*

*[...] Magoa (para por 13 segundos) (A10).*

*Porque vai atrapalhar a pessoa tanto agora, quanto lá na frente. Nos estudos, vai ter medo de ir pra escola. Eu acho que é muito ruim pra pessoa, o bullying. Tanto agora, quanto lá na frente, a pessoa pode ficar com trauma, tudo [...] até com agressões físicas. Com marcas no corpo, psicológica que eu acho que é a pior. A pessoa ter problema psicológico [...] eu acho isso. Muito ruim o bullying (A12).*

*No meu antigo colégio eu tive, eu parei foi de comer, por causa que os menino me chamava de gordo, num sei quê. Ai eu ficava sem comer, no almoço eu não comia. Comia nada, eu só vinha pra aula normal, com fome. Quando era cinco horas da tarde, quando eu saía do colégio que eu comprava alguma coisa pra eu comer (A20).*

De acordo com Moura, Cruz e Quevedo (2011), o *bullying* acarreta para as vítimas sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico.

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança, frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e à

perda de oportunidades, como instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros (RAVENS-SIEBERER; KOKONYEI; THOMAS, 2004; SHROFF PENDLEY, 2012; DUE; HOLSTEIN; JORGESEN, 1999).

As consequências geradas pelo *bullying* são tão graves que crianças norte-americanas, com idades entre oito e quinze anos identificam esse tipo de violência como problema maior que o racismo e as pressões para fazer sexo ou consumir álcool e drogas (BOND, 2001).

A maioria dos educadores também compreendem os prejuízos causados pelo *bullying* no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, além dos prejuízos físicos e psicológicos dos escolares.

*É uma coisa que afeta muito o cognitivo da criança. Neutraliza o futuro dessa criança. Essa criança num vai evoluir nunca! Entendeu!? Ela vai ser sempre uma pessoa fechada, como se fosse um passarinho dentro da gaiola, mas que passa muitos anos preso e que lá na frente traz traumas, complica com a vida social dessa criança, desse adolescente. Na vida adulta ela vai transferir, eu penso dessa forma, o que ela passou pra a criança que ela vai ter um dia quando for ser mãe ou pai (P2).*

*Eu acho que o bullying é horrível, porque a criança fica traumatizada com aquele apelido. Porque ela se sente rejeitada. E talvez isso atinja [...] ela fica [...] com depressão. Eu tenho impressão que fica porque a pessoa ficar chamando tanto de apelido e ela num gosta, aquilo ali faz mal a ela, tanto mental como até psíquico e biológico também. Às vezes, a criança fica revoltada (P7).*

*Eu acho trágico. Alguém ser perseguido ou, por qualquer motivo que seja, físico ou psicológico, é terrível. Eu acho terrível (P10).*

O entendimento dos educadores de que o fenômeno *bullying* pode acarretar aos escolares problemas comportamentais, emocionais, assim como prejuízos na vida social na infância e, posteriormente, na fase adulta, é um passo importante do despertar da escola para o problema. Ao tornarem-se mais conscientes, compreendendo a atual realidade violência escolar, os docentes têm maiores condições de buscar soluções para redução e interrupção do *bullying*.

Percebeu-se por meio dos relatos dos escolares, que o *bullying* se configura como prática que pode causar consequências no processo de aprendizagem dos alunos.

*Saí de lá por confusão também com um menino de lá. Ai eu peguei, saí de lá e vim pra cá. Ai minhas notas tava boa, boa, boa, ai depois elas baixou de novo (A20).*

Segundo Lopes Neto (2011), muitas das vítimas passam a ter prejuízos no desempenho escolar, recusam-se a ir à escola, geralmente trocam de colégio ou abandonam os estudos.

*[...] já pensei em não vim mais para a escola (A1).*

*Assim, no meu caso, eu já queria que esse ano eu saísse logo dessa escola, mas como não acontece, eu tenho que ficar aguentando mesmo (A18).*

Fischer (2010) ressalta que tanto as vítimas quanto os agressores perdem o interesse pelo o ensino, se sentem desmotivados e não se sentem seguros na escola diante das ocorrências de *bullying*.

Consoante ao achado da PENSE, 5,5% dos estudantes deixaram de ir à escola nos últimos trinta dias devido a não se sentirem seguros na escola (MALTA *et al.*, 2010).

O conceito de violência escolar tem sido caracterizado, por diferentes autores, como fenômeno multifacetado, abrangendo variedade de manifestações, desde comportamentos antissociais, delinquência, vandalismo, comportamentos de oposição, entre outros (VALE; COSTA, 1998). Constata-se que a maioria dos comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas passa a ser admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados pela comunidade escolar.

*[...] todo mundo tia [...] da minha sala, todos os alunos, chama uns aos outros de apelido, batem, fazem alguma coisa, só que todo mundo leva na brincadeira, não levam a sério, acontece como se fosse algo normal. Eu já levei muito a sério porque eu já sofri muito de apelidos, só o que tinha era apelido (A4).*

*Eu acho que aqui tem muito, tem muitos alunos que praticam bullying, que ficam “apelidando” os outros ali na sala, ficam arengando direto [...] (A6).*

(silêncio por 5 segundos) *Isso é normal. Todo dia acontece. Todo dia acontece isso aí (A15).*

*Eu acho que, tem muitas crianças por aqui como eu, [...] sofrendo, apelidando, apanhando por aí [...] (A20).*

Neste sentido, recorreremos a Trautmann (2008) quando afirma que o *bullying* é uma realidade nas escolas desde sempre e tem sido considerado processo normal dentro de uma cultura de silêncio que se perpetua.

A ideia de que a violência seja uma manifestação social recente, não é verdadeira, ela é tão antiga quanto aos primeiros núcleos civilizatórios, apesar dessa constatação histórica, não significa que se deva entendê-la e aceitá-la como parte inevitável da condição humana (LOPES NETO, 2011).

*Mas eu acho que sempre vai haver o bullying. Não importa o que façam, sempre vai haver, num vai acabar, vai diminuir. É natural das pessoas (A12).*

Essa concepção também emergiu dos relatos dos professores, ao considerar o *bullying* como processo natural inerente à faixa etária, em que os alunos se encontram, e ao próprio ambiente escolar.

*Não é aceitável, certo?! Ninguém deve aceitar, achar que é uma coisa natural, que pode acontecer, mas que é natural, é. Ninguém vai deixar que aconteça, certo. Ver uma criança sendo ridicularizada, uma adolescente, e você achar que é natural e deixar. Mas eu acho que é o próprio processo, da idade deles, existe isso. E sempre existiu, e sempre vai existir. Eu acho que isso aí é uma questão que a gente pode conversar, mas que o aluno vai deixar de chamar o aluno de gordinho, de sei lá, apelidar. É mais com apelido. E eu acredito que por mais que se converse com os alunos, isso aí ninguém vai tirar totalmente da escola não. Seja lá na escola particular, seja na escola pública, privada ou pública, sempre vai existir (E1).*

A educadora afirma que esse tipo de relação baseada na intimidação sempre existiu e sempre irá existir, sendo por isso considerada “natural” e inerente à vida escolar. Constata-se diante dessa fala, que o fenômeno ainda não é

considerado por muitos profissionais da educação como problema social complexo que necessita de intervenções efetivas que visem redução e prevenção da ocorrência de *bullying* na escola.

Costa (2009) afirma que não se podem cessar as brincadeiras entre escolares no ambiente escolar. O que a escola precisa é diferenciar o limiar entre uma brincadeira aceitável e uma agressão. Isso não é tão difícil como parece. Basta que o professor se coloque no lugar da vítima. Para este autor, ao perceber o *bullying*, o professor deve corrigir o aluno. E, em casos de violência física, a escola deve tomar as medidas devidas, sempre envolvendo os pais.

Nesse sentido, apesar da dimensão e das consequências, o *bullying* tem sido socialmente negligenciado, já que muitos adultos consideram-no inevitável na vida escolar e, por vezes, encaram-no como algo que faz parte da iniciação à vida adulta (FREIRE *et al.*, 2006; LOPES NETO, 2005; MASCARENHAS, 2006; PIZARRO; JIMÉNEZ, 2007).

A omissão pode ser resultado do desconhecimento ou da naturalização da violência. Por ser uma forma de violência mascarada, o *bullying* não é controlado e passa a fazer parte do cotidiano da escola, a ser naturalizado (CAMACHO, 2001), considerado como algo normal, provocando a insensibilidade ao sofrimento do outro.

Para Lopes Neto (2011), a prática de *bullying* não deve ser considerada como característica normal no desenvolvimento, mas indicador de risco para a adoção de comportamentos violentos mais graves.

Os dados deste estudo corroboram resultados de que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um ambiente de reprodução das violências da sociedade. Além da violência de “fora para dentro”, que diz respeito ao contexto social e às desigualdades, a violência é resultante de relações estabelecidas no interior da escola própria da ação de seus agentes: professores, gestores, funcionários, estudantes (RISTUM, 2004; MACEDO, 2009; ABRAMOVAY, 2002).

A percepção do *bullying* nem sempre está evidente para os estudantes, pois muitas vezes eles não conseguem diferenciar os limites entre as brincadeiras, as agressões verbais e os maus-tratos violentos. Em alguns inquéritos, a taxa de negação do sofrimento de atitude violenta chega a 44,3%. Deste ponto de vista

pode-se presumir que a experiência de agressão para a criança e jovem pode ser tão danosa que utiliza recursos mentais e psicológicos de “encapsulamento” para negar o sofrimento. Apenas 22,1% das vítimas tentam buscar ajuda, especialmente entre amigos (10,8%) e raramente junto aos familiares ou professores (6%) (REATIGA, 2009).

*Eu acho errado, porque é uma brincadeira de muito mau gosto que magoa a pessoa (A6).*

*Acho que brincadeira assim, mas bullying não. Só umas brincadeiras bestas mesmo, de empurrar, de ficar falando besteira mesmo, de ficar batendo, de trancar no banheiro, falar as coisas com a mãe dos outro (A11).*

*Eu xingo os outro e bato, pra brincar (A14).*

Segundo Fante (2005), o *bullying* não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que acontece em escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros. A autora define o fenômeno como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais fracos em objetos de diversão e prazer, por meio de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Silva (2010) contribui elucidando que brincadeiras ocorrem naturalmente entre escolares, os alunos colocam apelidos uns nos outros e se divertem com isso. Entretanto, quando isso se transforma em verdadeiros atos de violência, com característica de perversidade, a brincadeira deixa de ser sadia e recebe o nome de *bullying* escolar.

De acordo com as falas, pode-se perceber que os escolares tinham dificuldade de identificar o limite entre *bullying* e brincadeira. Fato que causa o não reconhecimento das ações de seus pares como atos violentos.

A ocorrência de *bullying* na escola, na percepção da maioria dos docentes, estava relacionada ao contexto familiar que poderia influenciar o comportamento violento dos filhos.

*Eu creio que é algo que eles trazem já de casa. Na maioria das vezes são os pais que agem dessa forma, discriminando pessoas A ou B, eles trazem isso pra dentro da escola (E6).*

*A minha percepção é família. A família não informa pra os seus filhos o respeito ao semelhante. E, além do mais, tem outro agravante, a droga, temos também a falta de religiosidade. Nós somos esse produto da família. Então hoje a família está muito desestruturada, e então isso é a resposta de uma formação mal estruturada. E o bullying, com certeza, é fruto de uma criança mal criada. Essa é a minha conclusão. Eu responsabilizo a família como essencial nesse desenvolvimento de distúrbio como sendo um comportamento errado. É a família. Essa é a minha conclusão, é a família (E8).*

Na intenção de explicar os motivos da prática de *bullying* pelos alunos, Fante (2005) e Costantini (2004) concordam que a principal causa do comportamento violento entre os estudantes esteja nas relações familiares estabelecidas com os adultos. Contudo, responsabilizar somente a família pela ocorrência de *bullying* na escola, seria desconsiderar o contexto social que exerce forte influência sobre o desenvolvimento humano, bem como ignorar qualquer responsabilidade da dinâmica escolar diante das situações de *bullying*.

Os professores ao atribuírem o problema aos alunos, exclusivamente, evidenciam que as relações familiares, indiretamente, parecem eximir-se da própria responsabilidade como educadores no processo de formação e desenvolvimento da personalidade e subjetividade dos alunos (OLIBONI, 2008).

Conforme Lopes Neto e Saavedra (2008), a escola é o segundo espaço de aprendizagem e convivência para criança, exercendo papel fundamental em sua vida, muito além daquele de ser simples transmissora de informações e conhecimentos. Isso porque a dinâmica da escola pode amenizar ou, ao contrário, acentuar as dificuldades experimentadas pela criança no convívio familiar.

Nesse sentido, Fante e Pedra (2008) acrescentam que a escola tem papel fundamental na redução do *bullying*, por meio de ações e programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos e os diversos atores sociais, para garantir a sua eficácia. É fundamental que em cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura, sem correr riscos desnecessários.

Nesta perspectiva, constatou-se que os educadores percebiam a existência do *bullying* entre alunos, bem como as consequências advindas do comportamento. Entretanto, possuíam visão reducionista sobre os fatores determinantes, restringindo-os às influências familiares.

### 5.3.2 Dificuldades dos escolares no enfrentamento ao *bullying* escolar

Explorar as percepções dos escolares acerca do *bullying* permitiu identificar as dificuldades encontradas por estes para reagir ou enfrentar as intimidações sofridas. Percebeu-se que a falta de apoio familiar e escolar foi considerado obstáculo encontrado pelos alvos no enfrentamento ao *bullying*.

Sobre esta categoria, os estudantes evitaram revelar o *bullying* sofrido para os pais por temer retaliações dos agressores ou por medo de não receber apoio dos pais.

*Eu não falo com meus pais. [P. Por quê?] R. Se não vai vim falar com a mãe deles e com a diretora, aí eles vão ser suspenso, quando eles voltarem vão me bater de novo e vai acontecer uma briga por causa disso. Eu acho que eu vou conseguir resolver, não desse jeito. Fazendo um modo de resolver com os diretores, com os pais deles, é o jeito... Eu nunca bati neles, eles fala pra tia que eu bato nele, o chamo de apelido e é mentira e elas acreditam e aquilo me atinge com frequência (A1).*

*Mas também não ia atrás de confusão pra mãe não brigar, porque na minha casa desde o tempo que eu comecei a estudar, eu sempre tive medo dessas coisas, de ir para diretoria, na minha família a primeira coisa que diziam pra mim, se você for pra diretoria, você vai apanhar (A4).*

[P: Você conversou com sua mãe sobre isso?] (gesto de negação)  
[Entrevistadora: Não? Por quê?] *Porque senão depois ela me bate. Porque ela pensa que eu fico querendo confusão (A10).*

*Porque falta de apoio dos pais, dos colegas, das lições, do entendimento (A19).*

Pereira (2002) aponta que as vítimas, frequentemente, não estão em posição de se defender ou procurar auxílio e que, na maioria das vezes, calam-se por medo de se expor perante os outros. Há um ponto, então, que merece atenção: aqueles que sofrem *bullying* e não falam com ninguém, apesar de terem sido maltratados. Isso vem confirmar as dificuldades que crianças e adolescentes têm para lidar ou enfrentar a violência que sofrem no interior da escola.

Essas questões são evidenciadas nos estudos de Antônio Neto e Saavedra (2004); Pearce e Thompson (1998); Ravens-Sieberer, Kokonyei e Thomas (2004), em que relatam que a vítima de *bullying* não dispõe de recursos para reagir ou parar o *bullying* sofrido. Geralmente, a baixa autoestima é agravada pelas críticas dos adultos sobre seu comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda.

Segundo Lopes Neto (2005), é incomum a vítima do *bullying* revelar espontaneamente a violência sofrida, seja por vergonha, por temer retaliações, por não acreditar nas atitudes favoráveis da escola ou por rezear possíveis vítimas. Esta apresenta, frequentemente, um sentimento de insegurança que a impede de solicitar ajuda.

*Eu já levei muito a sério porque eu já sofri muito de apelidos, só o que tinha era apelido. Só que eu deixei prá lá, se eu fosse atrás de resolver não ia dá em nada mesmo (A4).*

Esse dado é reforçado em estudo realizado em Lisboa com 307 estudantes, em que ocultar a situação vivenciada foi uma das atitudes mais referidas pelas vítimas, o que confirma um fenômeno que se encontra para além da causa do sofrimento, é, pois, silencioso (LA FONTAINE, 1991).

Na análise dos relatos a seguir, os escolares não acreditavam em atitudes favoráveis da escola para repressão do *bullying* e consideraram as medidas tomadas pelos professores em sala de aula como ineficazes.

*Num adianta falar para o diretor. Num vai adiantar nada (A8).*

*Entrevistadora: Você já conversou com os professores? R: Às vezes eu falo, quando eles tão falando demais, Quase todo dia eles me apelidam. Eles falam assim... mandam parar de fazer. Só isso. Só na hora (A10).*

*Entrevistadora: E os professores? R: Quando percebe, deixa de lado... Assim, vê só que acham "Não, nada não" tipo assim "ela sabe se defender" ai deixa lá acontecer. Alguns até brigam, mas num é muito não. A posição dos professores é péssima! Por que tem muitos professores, aí que a gente avisa, fala bem três vezes, ai depois que a gente vai partir pra agressão ai ele manda a gente sair de sala. Aí quem leva a culpa é a gente que tá sofrendo o bullying. Só isso mesmo (A18).*

O posicionamento passivo do professor na sala de aula diante das situações de *bullying* contribui para o agravamento da situação, visto que o aluno que pratica o *bullying* vai se sentir livre para agir, pois se mostra diminuída a tendência de sofrer alguma repreensão frente a seus atos. O aluno que sofre pode se sentir desconsiderado em suas necessidades e aflições, uma vez que encontra no professor um recurso para interromper as situações de *bullying* (COSTATINI, 2004).

De acordo com Lopes Neto (2011), estudos mostram que os professores tendem a ignorar o *bullying* porque não sabem o que fazer ou porque pensam que são as próprias crianças que devem encontrar as soluções para os problemas. Com isso, demonstram que o nível de tolerância à violência entre estudantes é bastante elevado, e que a maioria dos atos de *bullying* será ignorada. Não é de se admirar o porquê de os estudantes muitas vezes não conseguirem dizer aos professores ou pais sobre seus sofrimentos, pois eles sabem que efetivamente nada será feito para protegê-los, e que, ao se expor, a situação pode piorar ainda mais.

Os resultados contrastam com o estudo realizado por Francisco e Libório (2009), que ao analisar a quem os alunos recorrem quando maltratados na escola, constataram que parte busca o auxílio de pais e professores. É fato que o *bullying* se faz presente nas escolas e que muitas vezes estes casos de violência estão tão camuflados, ninguém consegue identificá-los e mediá-los; ou as pessoas veem e preferem não tomar parte, ou até mesmo, não se sentem preparadas para tal, inclusive os professores, justificando a necessidade de maiores debates na área da educação, visando conscientização sobre os efeitos do *bullying*, os quais não ficam restritos às vítimas, aos agressores e espectadores, mas à sociedade.

Entretanto, contrapondo com os discursos dos escolares, os educadores quando questionados sobre o posicionamento dos professores em relação aos casos de *bullying*, responderam utilizar o diálogo com os alunos como ferramenta para mediar os conflitos existentes na sala de aula, e em relação à escola, relataram não existir estratégia de enfrentamento para trabalhar com o *bullying* de forma mais ampla e que mobilizasse a comunidade escolar.

*E o que a gente tenta resolver é conversando, chamando os pais, mostrando que existem as diferenças e que tem que ser respeitadas. Nesse*

*sentido. Sempre trazendo o aluno pra conversa, para o diálogo. E tentando tirar o máximo dessa questão de achar que o outro é diferente, e assim você pode tratar diferente (E1).*

*Eu sei da nossa parte como professores. A gente para a aula e conversa com a turma. Tenta conscientizar que não é interessante esse tipo de brincadeira. Nós como professores, eu percebo que nós fazemos a nossa parte. Dentro da aula, a gente para nossas aulas um pouquinho, e conversa com os alunos. Tentando mostrar que não é legal fazer isso, que tem que haver o respeito. Isso, nós professores. O restante da escola eu desconheço se há algum trabalho referente a isso. Eu desconheço, viu? Não sei te dizer. Eu acredito que não (E4).*

Em relação à escola tomar alguma atitude, algum posicionamento, eu nunca vi. De certa forma não (E9).

O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado e necessitam ser incluídas no cotidiano escolar. Desta forma, torna-se necessário o envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos na prevenção e controle do *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Os procedimentos adotados pelos educadores refletem a realidade das escolas no que corresponde aos meios disponíveis para intervenção dos comportamentos agressivos ocorridos nas escolas, são procedimentos paliativos, que tem reflexos momentâneos, se não o fossem, a muito a violência teria sido erradicada das escolas. Mas como bem compara Royer (2002), não se podem ver alunos como pregos, se o único instrumento em mãos é um martelo, as medidas devem ser diferenciadas para cada caso.

Embora na escola em estudo existisse preocupação com o desenvolvimento de projetos que contemplassem atividades que não estivessem no currículo básico da escola, como atividades esportivas e de artes, percebeu-se por meio das observações que não existia ação educativa permanente como foco na redução e prevenção do *bullying* escolar.

### 5.3.3 Sentimentos revelados pelos atores do fenômeno e educadores

Esta categoria reúne os sentimentos revelados pelos escolares ao sofrer, praticar e testemunhar situações de *bullying* e dos educadores ao vivenciarem a ocorrência da violência no interior da escola.

Para os estudantes identificados como vítimas, sofrer *bullying* despertava sentimentos de tristeza, sofrimento, vergonha, constrangimento.

*Senti-me mal, fiquei em casa mal, fiquei triste, não falava nada, mas depois eu superei isso (A2).*

*Fico sentida, triste, sofrida, maltratada... (A7).*

*Eu fico assim muito excluída, sei lá. O povo num me respeita direito. Fico Bem longe (tom de tristeza). Para num ter o caso de acontecer de novo, mas sempre acontece. Eu fico triste. Porque eu mesma queria que todo mundo me chamasse pelo meu nome, mas eles num me chama ai dá uma tristeza mesmo (A18).*

Os relatos referiram-se à vivência de situações de *bullying*, as quais acarretam consequências ao psiquismo de suas vítimas, levando-as a apresentarem sentimentos negativos que podem gerar consequências físicas e emocionais a curto e longo prazo.

Percebeu-se na fala a seguir que a vítima não apresentava mecanismos para reagir ao *bullying* e acreditava que nunca iria conseguir cessar a violência que lhe causava sofrimento diário.

*Eu me sinto mal. Sinto-me como se aquilo nunca vai acabar. Eles me batendo direto, todo dia. Eu fico ruim tia, eu não gosto disso (A1).*

As vítimas que são constantemente abusadas caracterizam-se por um comportamento social inibido, passivo ou submisso. Estes adolescentes costumam sentir vulnerabilidade, medo ou vergonha intensa e uma autoestima cada vez mais baixa, aumentando a probabilidade de vitimização continuada (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

*Tinha dia que eu ficava meio triste sim... Tinha dia também que eu me estressava também [...] dava vontade de bater também, mas eu não batia não, fazia só ficar na minha mesmo [...](A5).*

*Vergonha, constrangida e também [...]vontade de sumir logo. Porque num quer que a pessoa fale do que a gente tem, do que a gente faz, só que eles falam, ai a pessoa se sente envergonhada. Senti... (pausa por alguns segundos) constrangimento e também é... vontade de fazer o mesmo só que eu perdoei (A9).*

*Fico triste, porque quando eu faço com ele, ele acha ruim, quer me bater. Aí quando ele faz comigo, eu fico parado na minha, só, só ficava calado, faço mais não. Sinto raiva. Querendo bater nele, mas num posso. Porque senão vai vir um bocado, aí eu fico parado só na minha. Só isso mesmo (A20).*

Em se tratando de vítimas/agressores, é importante distinção entre comportamento agressivo proativo e reativo. O comportamento agressivo proativo envolve tentativas de influenciar o outro através de meios aversivos, em uma situação que não foi provocada (GINI; POZZOLI, 2006). É um comportamento voluntário, deliberado e influenciado por reforços externos (LISBOA, 2005). Este é o tipo de agressão utilizada pelos agressores típicos. Já o comportamento agressivo reativo é um ato impulsivo em resposta a uma provocação ou ameaça percebida e consiste em uma resposta defensiva de raiva (GINI; POZZOLI, 2006; LISBOA, 2005). Este é o tipo de agressão utilizada pelas vítimas/agressores.

Os estudantes identificados como alvos/autores de *bullying* revelaram sentimentos de raiva e o desejo de revidar às agressões.

*Sentimento de raiva. De querer se vingar, só sentimento de raiva. Eu não tinha medo. Mas só que [...] entendeu? Eram maiores aí [...] mas eu não tinha medo. Eu só tinha raiva. Queria me vingar, até quando veio os menores, aí a gente nos vingamos. Sentimento de revidar mesmo (A12).*

*Eu me sinto normal, se ele me bater eu desconto. Ora, eu desconto. Eu fico só com raiva (A15).*

Martins (2005) constatou que a maioria das vítimas não se sente bem na escola, dado que conforme a autora é congruente com o fato de a vitimização ocorrer no contexto escolar. Nesse sentido, Tognetta (2005) afirma que a vítima não pressupõe outras formas de resolver o problema a não ser ficar quieto, ou introverter-se em sua própria condição, além de não possuir status para reagir, ou ao menos se defender, expressando o que sente de forma concisa. Entretanto, autores, como Donnon e Hammond (2007), vêm discutindo sobre as diferenças nas formas de reação de adolescentes e jovens frente ao *bullying*, indicando que alguns conseguem enfrentar mais satisfatoriamente tal situação adversa e demonstrando que o mesmo não afeta tão negativamente suas vidas.

O fato de as vítimas reagirem ao autor com agressões corrobora com os resultados encontrados por Mendes (2011) que relata que dentre as principais atitudes das vítimas quando agredidas, a maioria responde ao agressor agredindo também, situação esta que causa apreensão, pois é um tipo de atitude que facilmente conduz à criação de uma cadeia de agressões e contra agressões.

Quando envolvido em situações de *bullying*, em que ocupa a posição de autor da agressão, um aluno diz se sentir superior à vítima, em relação às características físicas.

*Superior à outra pessoa que está sofrendo o bullying (pausa por dois segundos). Me sinto superior. Só depois, que eu até [...] fico meio assim. Meio arrependido. Superior assim, questão física. Porque sempre são pessoas assim, mais franzina do que eu, assim. Superior em questão física (A12).*

A vítima agressora reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, procura outra vítima mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso ocasiona o efeito cascata ou de círculo vicioso que transforma o *bullying* em um problema de difícil controle e que atinge proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública (SILVA, 2010).

O sentir-se arrependido após a prática de *bullying* constitui aspecto constatado por Catini (2004), cujo agressor pode desenvolver sentimentos de culpa e vergonha pelos atos inadequados, isolamento ou exclusão social.

O agressor, aquele que vitimiza os mais fracos, normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas, em particular, podem ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas, podem ser fisicamente superiores nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, especialmente os meninos (FANTE, 2005).

Ao buscar conhecer os sentimentos do aluno autor típico de *bullying*, identificou-se o *bullying* como maneira para adquirir respeito na escola e chamar a atenção dos colegas.

*Eu pratiquei pra ter mais respeito na escola. E saí mangando dos alunos mais inteligente, é... zombando dum menino que é homossexual, num sei se ele é, mas ele parece tem jeito, ai eu fiquei zombando dele. Mas agora parei. Ah! Eu fazendo isso, eu pensava que eu era o maioral. Que ninguém*

*podia fazer nada comigo porque eu mando na escola. “ Ah! Eu se sentia a atenção. Todo mundo tinha atenção em mim porque eu era, o mais, mais engraçado da sala. Porque eu fazia isso, todo mundo ria e tal. Só por isso mesmo. Só pra chamar a atenção mesmo. De vez em quando ainda acontece. (A13).*

O agressor é aquela criança que age de forma violenta contra um colega que é supostamente mais fraco, com a intenção de machucar, prejudicar, sem ter havido provocação por parte da vítima (BERGER, 2007).

O agressor, frequentemente, vê sua agressividade como qualidade, tem opiniões positivas sobre si e, geralmente, é bem aceito pelos colegas. Sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar dano nos outros e, em geral, é mais forte que seu alvo (LOPES NETO, 2005). Apresenta tendência maior para comportamentos de risco, como o consumo de tabaco, álcool ou outras drogas e porte de armas.

Estudos apontam que os agressores buscam obtenção de popularidade entre os colegas, a necessidade de serem aceitos pelo grupo de referência ou de sentirem-se poderosos em relação aos demais (FISCHER, 2010).

Rolim (2008) sustenta que o tipo pernicioso de agressão utilizada no *bullying* faz com que as vítimas sejam alvos que, por diferentes motivos, não conseguem se defender eficazmente das agressões. Isso faz com que os autores consigam solidificar suas posições na hierarquia do grupo a que pertencem ou também aumentem sua popularidade entre os colegas.

Os escolares identificados como expectadores das ações de *bullying*, revelaram sentir raiva dos agressores e medo de serem alvos de futuras intimidações.

*Raiva (tom atenuado). Tenho raiva mesmo das pessoas que praticam isso porque isso não é bom. Se fosse bom, num era uma coisa que podia dá caso de prisão, e eles podem acabar com a vida de uma pessoa. Então, ninguém tem o direito de acabar com a vida de uma pessoa. Eu não faço bullying pelo fato de eu ser gordo, se eu praticar eu posso... vir que algumas pessoas podem praticar comigo. Mas pra mim como eu tenho meus ideais, meu pensamento, tudo que eles venham a me afetar não vai mudar em nada na minha vida (A17).*

Esse relato corrobora pesquisas realizadas por Berger (2007), Pizarro Jimenez (2007) e Ramirez (2001) que afirmam que a maior parte dos alunos não se

envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam por medo de ser a próxima vítima, por não saber como agir e não acreditar nas atitudes da escola.

Parte das testemunhas sente simpatia pelas vítimas, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos agressores e deseja que os professores intervenham efetivamente (LOPES NETO, 2005).

Garandeu e Cillessen (2006) sustentam que, quando uma criança ou adolescente testemunha um colega sendo vitimizado por outro, o seu comportamento não será neutro. Poderá escolher o lado da vítima e se juntar ativamente ao *bullying* ou se manter passivo. Entretanto, é importante ressaltar que ser passivo não é o mesmo que ser neutro. Na realidade, a atitude passiva reforça a agressão, por mostrar ao agressor que nada irá interromper a atividade, deixando-o livre para realizar sua ação.

As testemunhas, para Silva (2010), não costumam ter um comportamento tão marcante. A identificação deles depende de observação mais frequente e cuidadosa, pois seu comportamento não costuma apresentar sinais explícitos que denunciem a situação que estão vivendo. Tendem, em ambos os ambientes (na escola e no lar), a se manterem calados sobre o que sabem ou presenciam. Os mais ansiosos ou sensíveis contam casos ou histórias de *bullying*, mas negam que sejam reflexo de sua vivência escolar. Quando indagados, disfarçam, citando cenas de filmes, novelas, seriados ou histórias da internet como a origem principal de seus comentários.

A ocorrência do fenômeno *bullying* na escola, também faz emergir sentimentos nos educadores que são revelados nas falas a seguir.

Em alguns professores, a ocorrência de *bullying* na escola desperta sentimentos de impotência por não saberem como agir diante das situações de *bullying* e frustração por não conseguir solucionar o problema através dos mecanismos utilizados em sala de aula.

*Eu me sinto um pouco impotente quando eu não consigo, por exemplo, naquele momento você faz com que o aluno entenda que não se deve fazer isso. A falta de respeito. A gente tem que respeitar o próximo, seja lá como ele for, mas tem que respeitar. Naquele momento a gente consegue, mas ao mesmo tempo quando eles estão soltos em outro espaço, ou então na escola, a gente sabe que isso volta a acontecer (E1).*

*É assim, de impotência. De não saber o que fazer. Porque o que eu tento fazer em sala é conscientizá-los (E3).*

*A gente percebe que mesmo colocando isso na sala de aula, parando a aula, conversando com os alunos, tentando conscientizá-los que não é isso, que não é interessante fazer isso, que tem que haver respeito, e tudo, a coisa continua. O fato de eu parar minha aula, e fazer uma explanação, conversar com eles, não resolve o problema. Então, muitas vezes é como... um sentimento um pouco de ver que eu fiz a minha parte, mas não foi suficiente. Frustração, pelo fato de eu tentar da minha maneira, tentar solucionar o problema e ver que num, ainda, ele continua (E4).*

Nesse contexto, diversos estudos afirmam que os professores podem vivenciar esgotamento profissional devido ao estresse promovido pela frustração e impotência por não saberem como agir diante dos comportamentos inadequados dos alunos (FANTE, 2005; SILVA; NEVES, 2006; BEAUDOIN; TAYLOR, 2006).

Os educadores também revelaram que não se sentiam preparados para trabalhar o *bullying* no âmbito escolar. Para Fante (2005), a prevenção ao *bullying* deve iniciar pela capacitação dos profissionais da educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção disponíveis.

*Quando eu vejo, às vezes, eu me sinto constrangida. Porque, às vezes, a gente não sabe lidar com esse tipo de situação, é porque a gente não é muito preparada na faculdade pra isso, não é verdade? (E5).*

Estudos mostram ser a sala de aula o local em que ocorre *bullying* com maior frequência. Esse achado pode ser um sinal de que os professores não sabem diferenciar atitudes violentas de brincadeiras próprias da idade, bem como lhes falta capacitação para identificar e desenvolver medidas capazes de enfrentar o *bullying* (FANTE, 2005).

O despreparo dos profissionais da educação ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica são capacitados unicamente para o ensino de disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com os conflitos e sentimentos dos estudantes (FANTE, 2005).

Entre os educadores entrevistados também emergiram sentimentos de revolta diante das ações de *bullying*, pena e tristeza ao presenciar situações de intimidações e sofrimento.

*Às vezes me dá pena do aluno. Quando eu sei que ele é fraco, ele é frágil, certo? Eu me sinto mais do lado dessa pessoa. Assim, no sentido de proteger, porque eu sei que ele tá ali fragilizado e humilhado (E1).*

*O sentimento é de revolta (E6).*

*Eu fico triste, porque eu vejo que a pessoa que sofre o tipo da agressão, de gozação, fica constrangida, ele fica triste, entendeu. Eu fico com muita pena. Quando eu presencio, é um sentimento de muita pena, eu digo até passividade, porque eu faço a minha parte como educadora, tentando conscientizá-los parar com isso, falo sobre respeito, mas eu sinto que a pessoa sofre muito, sofre muito (E3).*

Uma das professoras recordou de situações de *bullying* que sofreu na infância.

*Eu me sinto oprimida também. Porque talvez lá no passado, a gente já sofreu uma coisinha (E7).*

Ao analisar as falas, pode-se observar que as consequências psicológicas do *bullying* afetam, além dos estudantes, os próprios educadores que têm dificuldades emocionais para lidar com os problemas de maus-tratos ou de violência que ocorrem em sala de aula.

#### 5.3.4 Estratégias de enfrentamento ao *bullying*

Nesta categoria se desejou trabalhar com as opiniões dos estudantes e educadores sobre as estratégias de enfrentamento ao *bullying* na escola.

A maioria dos estudantes, ao serem questionados sobre o que fazer para combater o *bullying* na escola, acreditava que a escola e os pais deveriam conversar com os autores de *bullying*.

*Acho que a direção da escola e os pais têm que conversar com quem pratica (A3).*

*[...] botar regra na escola. Se o outro colega implicar com o outro, aí é*

*melhor chamar os pais. É conversar com aluno, explicar o que é errado, o que é certo e mostrar o que ele tá fazendo e falar como ele se sentiria se o outro faria o mesmo com ele e os pais precisam saber (A9).*

*[...] tirar essas pessoas que fazem isso ou então chamar pra conversar com alguém pra melhorar ver se tem algum problema ou não. Os adultos que tem mais experiência já com isso, têm que chegar pra conversar. Explicar o que é que traz, o que é que não traz de bom e de ruim (A16).*

Percebeu-se pelos relatos que os escolares consideravam o diálogo com os alunos envolvidos em situações de *bullying*, envolvendo a participação dos pais e da escola, como ferramenta para enfrentar o *bullying*, constatando-se assim a importância da aliança entre a escola e a família no controle da violência entre alunos. Contudo, para que esse diálogo possa existir, torna-se necessário romper com o silêncio que envolve as situações de *bullying* e isso somente irá acontecer quando os alvos se sentirem ouvidos, respeitados e valorizados (LOPES NETO, 2005).

O *bullying* é, antes de tudo, uma forma específica de violência. Assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como problema social complexo e de responsabilidade de todos os segmentos da sociedade. Neste sentido, a escola pode e deve representar papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas e ações combativas dos casos instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com a família dos alunos e com todos os setores que lutam pela redução da violência (SILVA, 2010).

Dentre as propostas de mecanismos para combater o *bullying*, os escolares expressam opiniões referente à responsabilidade da escola e professores frente à ocorrência de *bullying*.

*Os professores podiam ficar observando aquele aluno que pareça ter algum problema, observar aquele aluno do jeito que ele é, se ele fica no canto, se ele fica triste, observar ele [...] e ver o que está acontecendo, se ele está sofrendo bullying ou alguma coisa em casa e procurar os alunos que fazem isso com ele, pra conversar com eles, pra eles não fazer mais e se ele continuar fazendo dá um castigo, falar com os pais (A2).*

*Os professores devem falar, ajudar [...] ensinando, incentivando, pra não desistir, não abandonar os estudos, os sonhos, ter esperança (A19).*

*Os professores também podiam dar uma opinião pra ele, ver se ele escutava só que tem muitos alunos, muito menino por aí que nem escuta*

isso (A20).

Os escolares atribuíam a responsabilidade de agirem nas situações de *bullying* aos professores, focando suas ações tanto nas vítimas quanto nos autores, pois acreditavam que estes poderiam contribuir para o enfrentamento do fenômeno.

Em Martins (2005), averiguou-se que a maioria dos jovens considera a possibilidade de contar com o auxílio dos professores para resolver os problemas de maus-tratos. Neste sentido, Tognetta (2005) aduz que as ações no contexto do *bullying* devem contemplar causadores e vítimas, pois ambos precisam de ajuda. Por um lado, as vítimas sofrem deterioração da sua autoestima e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral.

Emergiu das falas dos estudantes a insatisfação em relação ao posicionamento dos professores frente à ocorrência do *bullying* no ambiente escolar.

*Eu acho que a diretora pode fazer é escutar os outros, ela não escuta. Toda vez que eu chamo o vice-diretor ele me manda ir pra sala, chamo a diretora e ela também me manda ir para sala (A1).*

*Eles podiam reclamar! Mas só que quando acontecem, eles fica sentado, ele manda sentar, mas num fala nada sobre o que os outros tão fazendo [...] não faz nada. Entrevistadora: Algum professor já falou de bullying na sala? Não, o que eu sei (riso breve) eu que pesquisei na internet (A9).*

*Eu acho que [...] talvez os professores ter mais atenção, quando acontece essas coisas. A maioria num faz nada, fica só olhando, todo dia acontece isso, mas num faz nada (A18).*

É possível que o *bullying*, por não ser um tipo de violência explícita e não deixar marcas visíveis, configure-se como prática subestimada pelos professores. Entretanto, o que não pode ser pedagogicamente aceitável entre docentes, é uma prática de indiferença diante de situações inadequadas ou suspeitas entre os alunos, como se nada estivesse acontecendo (OLIBONI, 2008).

Segundo Francisco e Libório (2009), alunos que, após terem tentado ajuda junto aos profissionais da escola, e verificarem que tiveram dificuldades em auxiliá-los, não veem mais alternativas para resolver este problema. Tais dificuldades não estão ligadas somente ao descaso em resolver os conflitos, mas supõe-se que

haja desinformações e recursos para os profissionais da educação lidar com as distintas formas de violência. Por isso, a importância de trazer as discussões sobre tal assunto para o meio acadêmico, escolar e demais segmentos sociais, a fim de que avanços e respostas possam ser oferecidos à sociedade.

Percebeu-se pela fala a seguir a incapacidade que alguns professores têm para oferecer resposta eficaz às situações de *bullying* que ocorrem na sala de aula, agindo, muitas vezes, com agressividade e autoritarismo na tentativa de obter controle diante do grupo.

*Conversar mais com os alunos (resposta rápida), que nem a E.4 (professora) faz. Conversar com calma não gritando. Eu era pior! A E.4 chegou na escola, aí ela começou a falar, a gente foi por ela. Que as outras professoras gritava aí a gente começava a brincar com a cara do professor. Ela fala baixo e ao mesmo tempo ela é legal porque ela fala brincando, ela conversa mais com a pessoa. Pra ela lhe colocar pra fora de aula tem que se fazer muita besteira mesmo. Porque ela é legal, ela se interage mais com a gente (A14).*

O modelo agressivo adotado por alguns educadores, de acordo com Fante (2005), transforma-se em exemplos para muitos alunos, que acabam repetindo as condutas agressivas adotadas por seus mestres.

Algumas falas revelaram a necessidade que os estudantes sentiam do assunto ser abordado continuamente na escola, desaprovando iniciativas pontuais, como palestras.

*Num são palestras, é mesmo no cotidiano das aulas você está dando aquilo dali pra ver se as pessoas se conscientizam pra que não aconteça nas escolas e nem em lugar nenhum. Porque isso não acontece só nas escolas, acontece em outros locais. A própria sociedade é preconceituosa (A17).*

*Devia falar mais sobre o bullying e ajudar as outras pessoas que sofre. As pessoas que vão dá palestra, que vão falar sobre o bullying fala pouco e, assim, às vezes nem entende e as pessoas que sofre o bullying tem vergonha de dizer (A19).*

Para Lopes Neto (2011), a condição básica para que o *bullying* seja minimizado nas escolas é que sejam adotadas políticas de enfrentamento ao *bullying*, pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado. Ações que

podem ser incluídas no cotidiano escolar, sem que novas disciplinas sejam acrescentadas à matriz curricular, mas inserindo o *bullying* como tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar.

Na busca por estratégias de enfrentamento ao *bullying* na escola, os educadores acreditam que as ações devem objetivar a preparação dos professores e da escola para atuar na prevenção do *bullying*, o fortalecimento da relação entre a família e a escola e o desenvolvimento de projetos e palestras que visem conscientização dos alunos.

*Seja lá como for o tipo de bullying, eu acho que primeiro o professor, ele tem que está preparado pra lidar com essas situações. Porque nem sempre, o educador, as pessoas que trabalham na escola são capazes de lidar. Ou as próprias pessoas que estão na escola hostilizam essas crianças. Eu acho que a escola pública, principalmente, eu não sei se a escola particular também, ela não está ainda totalmente preparada para aceitar esse problema que é tão grande assim, que vem afetando a questão da sociedade mesmo. Acho que a sociedade está precisando de um trabalho melhor em relação a isso (E1).*

A fala da professora demonstrou a fragilidade que os profissionais de educação enfrentam no cotidiano escolar para lidarem com as situações de violência entre os estudantes. Revelou, ainda, em seu relato a violência perpetrada pela própria escola contra seus alunos.

Nesse sentido, percebe-se que diante das dificuldades encontradas para lidar com os problemas de comportamentos agressivos entre estudantes, a escola pode assumir posturas agressivas.

Fante (2005) acredita que a prevenção do *bullying* deve começar pela capacitação de profissionais da educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o *bullying*, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e prevenção.

Pelo que se verificou nas observações e, posteriormente, reafirmou-se nas falas, os educadores conseguem identificar as práticas de *bullying*, porém não possuem capacitação e preparo para lidarem com o fenômeno, assumindo muitas vezes uma postura passiva diante da ocorrência do *bullying*.

*Eu acho que todos os professores sabem identificar; ele não faz, ele não sabe é trabalhar com a situação. Identifica, sabe o que está acontecendo, mas aí assim, Porque que eu vou ter trabalho? Eu vou deixar acontecendo aí, e vai deixando. Ai quando acontece o pior em sala de aula "Ah! Porque*

*eu num sabia”, “Porque num sei quê” ai vem às desculpas. Mas eu acho que o professor, ele está em sala de aula, principalmente, todos os dias naquela turma, ele sabe, ele identifica, ele sabe o nome dos seus alunos, ele sabe quem é que sabe ler, quem é que num sabe ler, quem é bom em matemática, quem não é, porque que ele num identifica um problema maior? (E3).*

Em se tratando da violência que parte da escola, possivelmente, a mais comum seja a dos professores contra seus alunos, através da coerção (VIECILI; MEDEIROS, 2002). Com o intuito de conter o mau comportamento e a indisciplina dos alunos, os professores se utilizam da repressão para buscar o controle da turma (OLIVEIRA, 1998).

Nesse contexto, Silva (2010) explica que todo professor deve proceder de forma que seu comportamento seja exemplo para seus alunos. Entretanto, por vezes, a escola se depara com circunstâncias em que o professor se destitui de suas obrigações e cria situações que podem ameaçar, constranger ou colocar em risco a integridade física e/ou psicológica de um escolar.

Outra estratégia de enfrentamento apontada pelos professores foi o desenvolvimento de ações junto às famílias dos alunos envolvidos em casos de bullying, fortalecendo a relação família-escola com o objetivo de reduzir o fenômeno.

*Por parte da escola eu acho que pode trazer mais os pais pra escola, entendeu? Conversar mais. Então eu acho que a escola poderia chamar mais a família junto, fazer mais reuniões com os pais. Reuniões que realmente fosse exatamente pregado sobre isso, essa coisa dos valores morais pra própria família, entendeu? Eu acho que podia se juntar mais era aliar a escola com família. É imprescindível, o trabalho precisa também ser feito na família. Eu acho que o aluno quando ele vem pra cá com essa, essa coisa de praticar o bullying, eu acho que é por trás do seio familiar está havendo uma defasagem. Eu acho que trabalhar com família seria muito interessante. Interessante não seria o ponto de partida, o principal (E4).*

Fante (2005), a exemplo do Programa Educar para a Paz, projeto que desenvolveu com o objetivo de buscar estratégias de intervenção e prevenção do *bullying*, afirma que para que se alcance êxito na implantação de ações antibullying é imprescindível a participação do segmento familiar. Isentar a participação dos pais é equivocar-se na ideia que a escola é a única responsável pelo processo educacional.

A mesma autora, nas suas reflexões sobre as iniciativas antibullying, refere que estas visam melhoria da competência dos profissionais e da capacidade de interação social nas relações interpessoais, além da estimulação de comportamentos positivos, cooperativos e solidários. Baseado nesta premissa, parte da reflexão pedagógica centrou-se na temática dos valores humanos, como a ética, a moral e a cidadania.

A fala a seguir revela a importância que alguns dos educadores atribuem à implantação de projetos educativos centrados no ensino de valores e atitudes que combatam a violência.

*Nas minhas aulas, como eu estou tentando criar aqui na escola o chamado Projeto Cidadania. Abre espaço das minhas aulas de Língua Portuguesa para gente trabalhar a coisa da ética, do respeito, da cidadania, do amor ao próximo, entendeu? E, e trabalhar isso com os alunos e na escola toda (E4).*

Nesse sentido, ensinar crianças e adolescentes a desenvolverem atitudes positivas, cooperativas e solidárias, é uma medida que os auxiliará a conviver pacificamente e a construir um mundo melhor. Portanto, a escola deve estimular o ensino e o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática da tolerância e da solidariedade entre os alunos. O diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional (FANTE, 2005).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou identificar a ocorrência de *bullying* entre os estudantes na escola em estudo, revelando que o espaço escolar deixou de ser um local protegido e tornou-se um espaço de reprodução da violência.

O local em que as condutas agressivas eram praticadas com maior incidência era a sala de aula. Quanto ao gênero do agressor, a maioria das ações de *bullying* era praticada por meninos, que geralmente eram mais velhos que suas vítimas. O tipo de intimidação mais frequente foi a verbal, seguida da física e emocional.

A maioria dos estudantes desaprova as ações de *bullying*. Entretanto por se tratar de uma prática comum na escola, tendia a considerá-lo processo normal. Constatou-se que alguns estudantes não reconheciam o *bullying* como violência, sendo muitas vezes entendido como brincadeira.

Os educadores reconheceram os prejuízos do *bullying* para o desenvolvimento socioeducacional e a conformação da personalidade dos estudantes, porém acreditavam ser um processo natural inerente à faixa etária e à vida escolar. Consideraram, ainda, as influências familiares como fator determinante para o comportamento agressivo dos estudantes na escola, mostrando, assim, a visão reducionista da escola na busca por explicar os fatores que contribuem para tais condutas.

As vítimas de *bullying* revelaram em seus relatos dificuldades para enfrentar as intimidações que as afligiam, sendo muitas vezes, seus sofrimentos ocultados, reproduzindo a cultura de silêncio que envolve as situações de *bullying*. Em seus relatos, observa-se que estas não revelaram o sofrimento para os pais, por medo de sofrer retaliações ou temerem receber críticas ou novas agressões de quem devia oferecer apoio e amor e denunciavam o posicionamento passivo dos professores na resolução dos casos de *bullying*.

A ocorrência de *bullying* na escola manifesta em estudantes e educadores sentimentos negativos que podem desencadear consequências psicológicas irreversíveis. As vítimas típicas revelaram tristeza, sofrimento, vergonha, constrangimento nas falas. As vítimas agressoras sentiam raiva e desejo de revidar

às agressões. Os agressores praticavam *bullying* para adquirir respeito e atenção dos colegas. As testemunhas sentiam raiva dos agressores e medo de se tornarem a próxima vítima.

Ao analisar o educador inserido no cenário do *bullying*, observou-se que, ao contrário do que alguns autores acreditam, a maioria dos educadores possuíam conhecimento sobre o fenômeno, compreendiam suas consequências e sabiam identificar os envolvidos. Entretanto, o que se detectou foi a carência de capacitação destes profissionais para intervenção e encaminhamento adequado dos casos, fazendo com que estes adotassem posturas que demonstravam passividade e agressividade. Destaca-se, portanto, a existência de omissão, comodismo e uma parcela significativa de negação do fenômeno.

O enfrentamento do *bullying*, na visão dos escolares, exigia a participação de pais e educadores e manifestaram o desejo que o assunto fosse abordado continuamente no cotidiano da escola, e não em iniciativas pontuais como palestras. Para os educadores, o combate ao *bullying* perpassa inicialmente pela preparação dos professores para lidar com o fenômeno, fortalecimento da relação família-escola e o desenvolvimento de projetos centrados em valores fundamentais de respeito, solidariedade e amor.

Concluiu-se que diante das limitações, este estudo não esgota as discussões sobre o *bullying*, e sim contribui para fornecer visibilidade ao fenômeno no meio acadêmico e escolar, bem como auxiliar no planejamento de intervenções que se voltem ao enfrentamento do *bullying*. Destaca-se que para a elaboração de tais medidas, torna-se necessário ampliar as discussões sobre o fenômeno, envolvendo pais, alunos, professores e funcionários, a fim de que a participação de todos possa contribuir de forma efetiva com medidas que visem à prevenção e o combate ao *bullying* entre estudantes.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

AMERICAN ACADEMY OF CHILD & ADOLESCENT PSYCHIATRY. **Understanding violent behavior in children and adolescents** [Internet]. 2001. Disponível em: [www.aacap.org/publications/factsfam/behavior.htm](http://www.aacap.org/publications/factsfam/behavior.htm). Acesso em: 20 mai. 2011.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Task Force on Violence. The Role of the Pediatrician in Youth Violence Prevention in Clinical Practice and at the Community Level. **Pediatrics**, v. 103, p. 173-181, 1999.

AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION. **Commission for the prevention of youth violence** [Internet]. Youth and violence, 2008. Disponível em: [www.ama-assn.org/ama](http://www.ama-assn.org/ama). Acesso em: 20 mar. 2011.

ANTONIO NETO, A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2004.

AZAMBUJA, M. P. R; NOGUEIRA, C. Introdução à violência contra as mulheres como um problema de direitos humanos e de saúde pública. **Saude Soc.**, v. 17, n. 3, p. 101-112, 2008.

BALDRY, A. C. What about bullying? An experimental field study to understand students' attitudes towards bullying and victimization in Italian middle schools. **Br J Educ Psychol.**, v. 74, n. 4, p. 583-598, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEATY, L. A.; ALEXEYEV, E. B. The problem of school bullies: what the research tells us. **Adolescence.**, v. 43, p. 1-11, 2008.

BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BERDONDINI, L.; SMITH, P. K. Cohesion and power in the families of children involved in bullying/victim problems at school: an Italian replication. **Journal of Family Therapy**, v.18, p.99-102, 1996.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, p. 90-126, 2007.

BOND, L. *et al.* Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. **BMJ.**, v. 323, p. 480-484, 2001.

BOYNTON-JARRETT, R. *et al.* Cumulative violence exposure and self-rated health:

longitudinal study of adolescents in the United States. **Pediatrics**, v. 122, n. 5, p. 961-970, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva: vigilância de violências e acidentes**, 2006 e 2007. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

BRASIL. Portaria GM/MS, 1968, 2001. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de notificação de suspeita ou confirmação de maus tratos cometidos contra crianças e adolescentes aos conselhos tutelares**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Resolução N. 196. **Diretrizes e normas técnicas de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

BULLOCK, J. Bullying among children. **Childhood Education**, v. 78, n. 3, p.130-133, 2002.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Campinas, 2004.

CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G.. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Aná. Psicológica**, v. 19, n. 4, 2001 .

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, v. 4, n.8, p. 432-443, 2002.

COSTA, C. *et al.* **A entrevista**. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. DEFCUL, 2004.

COSTA, Renata. **O que é bullying?** Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em 15 out. 2011.

COSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova, 2004.

CRUZEIRO, A. L. *et al.* Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. **Cad Saúde Pública**, v. 24, n. 9, p. 2013-2020, 2008.

CUNHA J. L.; PACHECO C. R. C. Violência, cidadania e disciplinamento: controvérsias na escola. **Rev Diálogo Educ.**, v.9, n.28, p. 557-569, 2009.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2004.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R. A pesquisa qualitativa em serviços de saúde: notas

teóricas. In: BOSE, M. L. M.; MERCADO, F. J. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DONNON, T.; HAMMOND, W. Understanding the relationship between resiliency and bullying in adolescence: An assessment of youth resiliency from five urban high schools. **Child and Adolescence Psychiatric Clinics of North America**, v. 16, p. 449-471, 2007.

DUE, E. P.; HOLSTEIN, B. E.; JORGESEN, O. S. Bullying as health hazard among school children. **Ugeskr Laeger**, v. 161, p. 2201-2206, 1999.

DUE, P. *et al.* Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries. **Eur J Public Health**. v. 15, p.128-132, 2005.

EYNG, A. M.; GISI, M. L.; ENS, R. T. Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. **Rev Diálogo Educ.**, v. 9, n. 28, p. 467-480, 2009.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FISCHER, R. M. *et al.* **Relatório de pesquisa: bullying** escolar no Brasil [Internet]. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA). 2010. Disponível em:<http://catracalivre.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2010/03/PesquisaBullying.pdf>. Acesso em: 8 maio 2012.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas **Cad Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

FRANCISCO, M. V.; LIBORIO, R. M. C.. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 22, n. 2, 2009.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: Um questionário aferido para a população portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

GARANDEAU, C. F.; CILLESSEN, A. H. N. From indirect aggression to invisible aggression: A conceptual view on bullying and peer group manipulation. **Aggression and Violent Behavior**, v. 11, p. 641-654, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINI, G.; POZZOLI, T. The role of masculinity in children's bullying. **Sex Roles**, v. 54, 585-588, 2006.

GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Psicol Estud.**, v. 11, p. 89-97, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográficos e Contagem Populacional para os anos censitários, estimativas preliminares dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo** [Internet]. Brasília: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> . Acesso em: 23 out. 2012.

KRUG, E. G. *et al.* **World Report on violence and health**. Geneva: World Health Organization; 2002.

LA FONTAINE, J. **Bullying: the child's view**. London: Calouste Gulbenkian Foundation, 1991.

LANDIN, F. L. P. *et al.* Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na Integração Quantitativo-Qualitativo. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, v.19, n. 1, p. 53-58, 2006.

LEME, M. I. S. A gestão da violência escolar. **Rev Diálogo. Educ.**, v. 9, n. 28, p. 541-555, 2009.

LEOPARDI, M.T. (org.) *et al.* **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2002.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção**. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

LOPES NETO, A. A. *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, A. A.; FIGUEIRA I. S.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying - programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes** [Internet]. [www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br). Acesso em: 01 jun. 2011.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao Bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. 2. ed. Passo Fundo: Battistel, 2008.

MACEDO, R. M. A.; BONFIM, M. C. A. Violências na escola. **Rev Diálogo Educ.**, v. 9, n. 28, p. 605-618, 2009

MALTA, D. C. *et al.* Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, suppl. 2 p. 3065-3076, 2010.

MARGARIDA, G. M.; GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 10, n. 1, p. 3-15, 2009.

MARTINS, M. J. D. Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, 401-425, 2005.

MASCARENHAS, S. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 7, n.1, p. 95-107, 2006.

MATOS, M.G.; GONCALVES, S. M. P. Bullying nas Escolas: Comportamentos e Percepções. **Psic., Saúde & Doenças.**, vol.10, no.1, p.3-15, 2009.

MELTON, G. B. *et al.* **Violence among rural youth**. Final report to the office of juvenile justice and delinquency prevention, 1998.

MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 3, p. 581- 588, 2011.

MENESINI, E. *et al.* **Cross-national comparison of children.s attitudes towards bully/victim problems in school** [Internet]. *Aggr Behav*, 1998. Disponível em: [www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/46367/PDFSTART](http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/46367/PDFSTART). Acesso em: 12 set. 2005.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. **Bullying** – Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. Rev. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S. The inclusion of violence in the health agenda: historical trajectory. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 375-383, 2006.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Avaliação do processo de implantação e implementação do Programa de Redução de morbimortalidade por acidentes de trânsito**: municípios de Recife, Belo Horizonte, Goiânia, São Paulo e Curitiba. Relatório final da pesquisa. Rio de Janeiro: Claves, 2006.

MINAYO, M.C.S. (Org.) **A pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, D.R.; CRUZ, A.C.N.; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **J. Pediatr. (Rio J.)**, v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.

NIKODEM, S.; PIBER, L. D. Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do rs. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 7, n. 12, p.105-121, 2011.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. **Violência na escola e juventude: um estudo sobre o bullying escolar**. 2007. Tese (Doutorado em educação, História, Política e Sociedade - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

OLIBONI, S. P. **O bullying como violência velada: a percepção e ação dos professores**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

OLIVEIRA, M. H. **Analisando a relação professor-aluno: do planejamento à sala de aula**. 2. ed. São Paulo, SP: CLR Baleiro, 1998.

OLIVIERA, A. S.; ANTONIO, P. S. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 8, n. 1, p. 30-41, 2006. Disponível em:< [www.fen.ufg.br/fen\\_revista/revista8\\_1/original\\_04.htm](http://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista8_1/original_04.htm) >.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: Bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere, 1978.

OLWEUS, D. Bullying at school: tackling the problem. **Observer**, v. 225, p. 24-26, 2001.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

OLWEUS, D.; LIMBER, S.P. Bullying in school: evaluation and dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. **Am J Orthopsychiatry**. v. 80, p. 124-134, 2010.

PEARCE, J. B.; THOMPSON, A. C. Practical approaches to reduce the impact of bullying. **Arch Dis Child**., v. 79, p. 528-531, 1998.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto, Portugal: Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, B. O.; SILVA, M. A. I; NUNES, B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Rev Diálogo Educ.**, v. 9, n.

28, p. 455-466, 2009.

PIZARRO, H. C.; JIMÉNEZ, M. I. Maltrato entre iguaes en la escuela costarricense. **Revista Educación**, v. 31, n. 1, p. 135-144, 2007.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

RAMÍREZ, F. C. Variables de personalidade asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. **Anales de Psicología**, v. 17, n. 1, p. 37-43, 2001.

RAVENS-SIEBERER, U.; KÖKÖNYEI, G.; THOMAS, C. School and health. In: CURRIE, C. *et al.* (Eds.). Young people's health in context. **Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study**: international report from the 2001/2002 survey. Health Policy for Children and Adolescents; N° 4. World Health Organization, 2004. p. 184-195.

REATIGA, María Eugenia. Los recuerdos del maltrato entre compañeros en la vida escolar. **Psicol. caribe**, Barranquilla, n. 23, p.132-147, 2009 .

RISTUM, M. Violência: uma forma de expressão da escola? **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. 2, p. 59-68, 2004.

ROLIM, M. **Bullying**: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

ROYER, E. A violência escolar e as políticas de formação de professores. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ROYER, E. Condutas **Agressivas na escola**: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In. Desafios e alternativas: violência nas escolas. Brasília: UNESCO; UNDP, 2003.

SAMDAL, O.; DÜR, W.; FREEMAN, J. School. In: CURRIE, C. *et al.* (Eds.). **Young people's health in context**. Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey. Health Policy for Children and Adolescents; N° 4. World Health Organization, 2004. p. 42-51.

SEIXAS, S. R. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Aná. Psicológica**, v. 23, n. 2, p. 97-110, 2005.

SHROFF PENDLEY, J. S. **Bullying and your child** [Internet]. Disponível em: [www.kidshealth.org/parent/emotions/behavior/bullies.html](http://www.kidshealth.org/parent/emotions/behavior/bullies.html). Acesso em: 12 set. 2012.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva,

2010.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão entre as meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SOUZA, R.G.T. **Bullying no contexto escolar**: intimidação entre pares. 2010. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: Os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; Lima, V. S. (Eds.). **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre, RS: Zouck, 2005. p. 11-32

TRAUTMANN, A. Maltrato entre pares o Bullying: uma visión actual. **Rev Chilena Pediatría**, v. 79, n.1, p. 13-20, 2008.

UNITED STATES DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. **Youth violence**: A report of the Surgeon General [Internet]. **Surgeon General**, [ca.2005]. Disponível em: [www.surgeongeneral.gov/library/youthviolence/report.html](http://www.surgeongeneral.gov/library/youthviolence/report.html). Acesso em: 10 set. 2011.

VALE, D.; COSTA, M. **A violência nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.

VIECILI, J.; MEDEIROS, J. G. A coerção e suas implicações na relação professor-aluno. **PsicoUSF**., v. 7, n. 2, p. 229-238, 2002.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **J Adolesc Health**., v. 45, p. 368-375, 2009.

WHO/UNESCO/UNICEF. **Consultation on Strategies for Implementing Comprehensive School Health Education/Promotion Programmes**. Comprehensive school health education: suggested guidelines for action. Geneva: World Health Organization, 1992.

WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cad. Pesqui.**, v. 39, n. 138, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Inequalities young people's health**: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet. Copenhagen: World Health Organization, 2008.

## APÊNDICE A – Questionário para os alunos

Este questionário tem o objetivo de conhecer a visão dos alunos do 6º e 9º do Ensino Fundamental sobre o bullying.

O que é bullying?

*Bullying é um ato agressivo, intencional e repetitivo que envolve ações como perseguir, bater, empurrar ou chutar. Ameaças, colocar apelidos, gozações, exclusão, atitudes preconceituosas também são comuns. Pode ser causado somente por uma pessoa ou por um grupo.*

Não existem respostas certas ou erradas, lembre-se que sua resposta é pessoal e confidencial. Por favor, responda as questões de maneira sincera.

Obrigada pela sua colaboração!

### Identificação

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Escolaridade materna: \_\_\_\_\_

Com quem reside: \_\_\_\_\_

Raça/cor: ( ) branca, ( ) preta, ( ) parda, ( ) amarela, ( ) indígena

1. Você gosta de vir à escola?

( ) sim ( ) não

Justifique:

\_\_\_\_\_

2. Você tem amigos na escola?

( ) sim ( ) não

Justifique:

\_\_\_\_\_

3. Você se relaciona bem com os seus colegas de sala?

( ) sim ( ) não

Justifique:

\_\_\_\_\_

4. Você já foi intimidado, agredido, humilhado, maltratado, perseguido por outro aluno na escola?

( ) sim ( ) não

Nos últimos trinta dias, com que frequência você sofreu intimidação, agressão, humilhação?

( ) em nenhum momento

- (    ) raramente ou às vezes  
 (    ) quase sempre ou sempre

Se **SIM**, porque você acha que foi intimidado, agredido, humilhado, maltratado, perseguido por esse colega?

---



---



---

Se **SIM**, quem agrediu ou intimidou você é?

- (    ) menino (    ) menina

Se **SIM**, qual foi o local da escola em que isso aconteceu?

- (    ) no pátio da escola                      (    ) na sala de aula  
 (    ) nos banheiros da escola              (    ) em outro local \_\_\_\_\_

Quem agrediu ou intimidou você é:

- (    ) mais velho que você      (    ) tem a mesma idade  
 (    ) mais novo que você      (    ) não sabe

Que tipo de agressão ou intimidação você sofreu?

- (    ) física: bater, chutar, empurrar, beliscar  
 (    ) verbal: xingar, apelidar  
 (    ) psicológica: intimidar, ameaçar, perseguir  
 (    ) nenhuma das opções

Escreva o que aconteceu:

---



---



---



---

5. Você fez “brincadeiras de mal gosto”, “gozações”, “apelidou” algum colega da escola?

- (    ) sim      (    ) não

Justifique:

---



---



---

6. O que você pensa sobre o *bullying* na escola?

---



---



---



---

7. Se você já sofreu ou praticou bullying na escola, como você se sentiu ao:

a) Sofrer bullying?

---

---

---

b) Praticar bullying?

---

---

---

8. Na sua opinião, o que pode ser feito para resolver o problema do bullying na escola?

---

---

---

\* Este instrumento é uma adaptação do questionário utilizado pela instituição inglesa KIDSCAPE, que há anos dedica-se ao tema Bullying. Site: [www.kidscape.org.uk](http://www.kidscape.org.uk)

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para os educadores

### I) Identificação

Idade:

Sexo:

Graduação:

Pós-graduação:

Tempo de serviço na instituição:

- 1) A escola tem histórico de bullying? Como a escola se posicionou frente ao problema e o que foi feito para resolver?
- 2) Atualmente, o Sr (a) percebe a ocorrência de bullying na escola? Fale sobre isso.
- 3) Qual sua percepção sobre o bullying?
- 4) O Sr (a) consegue identificar os alunos que sofrem e os que praticam bullying?
- 5) Quais sentimentos que emergem ao testemunhar situações de bullying?
- 6) Como o Sr(a) se sente ao agir em situações em que alunos são intimidados e perseguidos por colegas?
- 7) Na sua opinião, o que pode ser feito para enfrentamento do bullying na escolas?

**APÊNDICE C** – Roteiro de entrevista semiestruturada para os alunos**Identificação**

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Escolaridade materna: \_\_\_\_\_

Com quem reside: \_\_\_\_\_

Raça/cor: ( ) branca, ( ) preta, ( ) parda, ( ) amarela, ( ) indígena

1) Fale um pouco sobre o *bullying* na escola?

2) Você já praticou ou sofreu *bullying*? Se sim, fale sobre os seus sentimentos?

3) Na sua opinião, o que pode ser feito na escola, para prevenir e combater o *bullying*?

## **APÊNDICE D – Roteiro para observação sistemática**

1. Condições físicas da escola.
2. Relação entre os escolares e educadores.
3. Relação entre os professores e alunos no ambiente da sala de aula.
4. Relação entre os estudantes.
5. Posicionamento da escola frente às ações de *bullying*.
6. Ações desenvolvidas na escola para o enfrentamento do *bullying*.

**APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**  
(Para os pais dos alunos)

Eu, Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra, aluna do Programa de Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual do Ceará, estou realizando uma pesquisa intitulada: **Bullying na escola: percepções e sentimentos de escolares e professores**, que tem como objetivo: Analisar o fenômeno *bullying* em uma escola pública do município de Fortaleza-Ceará e gostaria de convidar seu filho a participar da mesma.

Dessa forma, peço a colaboração de seu filho nesta pesquisa, respondendo a um questionário anônimo e uma entrevista sobre o tema acima proposto que será gravada. Garantimos que tentaremos minimizar qualquer forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr(a) poderá a qualquer momento deixar de participar desta, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Todos os participantes poderão receber quaisquer informações acerca da pesquisa. Contato com a pesquisadora Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra. Telefone: (85) 86909288

O comitê de ética da Universidade Estadual do Ceará encontra-se disponível para esclarecimentos pelo telefone: (085) 3101 9890 – Endereço: Av. Paranjana, 1700 – Campus do Itaperi – Fortaleza-Ceará.

Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para arquivo do pesquisador.

Eu, \_\_\_\_\_,  
responsável pelo estudante \_\_\_\_\_,  
tendo sido esclarecido(a) a respeito da pesquisa, autorizo sua participação na  
mesma.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

**APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**  
(Para os educadores)

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: ***Bullying na escola: percepções e sentimentos de escolares e professores***, que tem como objetivo: Analisar o fenômeno *bullying* em uma escola pública do município de Fortaleza-Ceará e gostaria de convidá-lo para participar.

Dessa forma, peço a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a um uma entrevista sobre o tema acima proposto que será gravada. Garantimos que tentaremos minimizar qualquer forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr(a) poderá a qualquer momento deixar de participar desta, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Todos os participantes poderão receber quaisquer informações acerca da pesquisa. Contato com a pesquisadora Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra. Telefone: (85) 86909288

O comitê de ética da Universidade Estadual do Ceará encontra-se disponível para esclarecimentos pelo telefone: (085) 3101 9890 – Endereço: Av. Paranjana, 1700 – Campus do Itaperi – Fortaleza-Ceará.

Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para arquivo do pesquisador.

---

Eu, \_\_\_\_\_,  
tendo sido esclarecido(a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

## ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



**Governo do Estado do Ceará**  
**Fundação Universidade Estadual do Ceará**  
**Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UECE**  
 Av. Paranjana, 1700 - Campus do Itaperi  
 CEP 60.740-000 - Fortaleza-Ce  
 Fone: (085) 3101.9890 - E-mail: cep@uece.br



Fortaleza, 22 de dezembro de 2011.

**IDENTIFICAÇÃO**  
 Título: "Bullying no âmbito escolar: percepções e sentimentos de escolares e educadores".  
 Folha de rosto: FR 477448.  
 Processo: 11583281 5  
 Pesquisador responsável: Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra  
 Orientadora: Ilvana Lima Verde Gomes  
 Área temática: Saúde Coletiva  
 Data da reunião: 22/12/2011

**RESUMO**  
 O projeto Bullying no âmbito escolar: percepções e sentimentos de escolares e educadores, de autoria de Luiza Luana de Araújo Lira Bezerra dará suporte a uma dissertação de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, na Universidade Estadual do Ceará. O projeto objetiva analisar o fenômeno do bullying em uma escola pública do município de Fortaleza, Ceará, denominada EMEIF Monsenhor Linhares, situada no bairro Dionísio Torres. Em seus objetivos específicos constam; caracterizar o bullying em termos de: gênero do/a agressor/a e da vítima, faixa etária, causa da ação do agressor/a, locais mais frequentes da ocorrência e tipos (direto e indireto); identificar a percepção de escolares e educadores acerca do bullying no contexto escolar; apreender os sentimentos: - dos educadores frente a ocorrência do bullying, - dos alunos ao praticar e sofrer ações de bullying; descrever estratégias de enfrentamento ao bullying atribuídas pelos escolares e educadores. A autora justifica adequadamente a necessidade da pesquisa, tendo em vista que o problema do bullying já se encontra observado como questão de saúde pública. Após bem apanhado estudo das origens, tipos, características e consequências do fenômeno do bullying, a autora classifica sua pesquisa como de natureza qualitativa (embora, como dirá bem adiante, fará uso de questionários que serão quantificados e apresentados em gráficos e tabelas) e de tipo descritivo. Serão abordagens sistemáticas, intersubjetivas, utilizadas para a descrição de experiências de vida e para lhes atribuir significados. Serão ouvidos 140 sujeitos, alunos em questionários semiestruturados (adaptados do Questionário KIDSCAPE) e em entrevistas. Serão incluídos alunos da faixa etária de 10 a 14 anos, que cursam o 5º e 6º anos do Ensino Fundamental e que estejam na escola a pelo menos 06 (seis) meses. Entre os educadores estarão professores, coordenadores, diretor e vice-diretor, sendo que os professores deverão lecionar nas respectivas turmas e terem um mínimo de 06 (seis) meses de vínculo. Suas referências analíticas serão baseadas na técnica de análise de conteúdo, com análise categorial temática. A pesquisadora tem Currículo Lattes, apresenta ofício ao CEP; Folha de Rosto corretamente preenchida, com autorização da instituição co-participante; anexos com modelos dos questionários aos alunos e educadores, modelos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e educadores, de acordo com a Resolução 196/96, do CNS. O projeto tem cronograma bem elaborado, constando a coleta de dados para fevereiro e março de 2012, tendo os custos financiados pela pesquisadora.

**PARECER**  
 O projeto está bem estruturado, é relevante, havendo retorno para o sujeito e a comunidade. O projeto atende aos ditames da Resolução 196/96 do CNS, e, portanto, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE.

O relatório final deverá ser apresentado ao CEP.

*Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro*  
 Profa. Dra. Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro  
 Coordenadora Do CEP/UECE



**ANEXO B – Aprovação da Secretaria Municipal de Educação**

Prefeitura de  
**Fortaleza**



Ofício GS N° 2409 /2011

Fortaleza, 26 de Dezembro de 2011.

Cumprimentando-o cordialmente, e em resposta a solicitação formalizada nesta Secretaria através do processo n° 179779/2011 -SME, o qual solicita autorização para realização de pesquisa intitulada “**BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR: percepções e sentimentos de escolares e educadores**”, informamos a V.Sa. que a referida solicitação está autorizada.

A pesquisa somente poderá ser iniciada após parecer positivo da Comissão de Ética, condição necessária para a carta de apresentação e contato com a Unidade Escolar.

Lembramos que deverão ser feitos os agradecimentos à PMF, principalmente aos professores envolvidos quando da versão final e de que cópia da versão final do trabalho deverá ser encaminhada a esta SME.

Sem mais para o momento, renovamos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

  
**Jacqueline Franco Cavalcante**  
Secretária Executiva de Educação / SME

Ilma. Sra.

**Luiza Luana de Araújo Lira Berra**

*Aluna* do Programa de Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual do Ceará - UECE

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
Avenida Desembargador Moreira, 2875, Dionísio Torres  
CEP: 60170 - 002 Fortaleza-Ceará  
Telefone: (85) 3433-3533 / 3433-3599  
FAX: (85) 3433-3508